



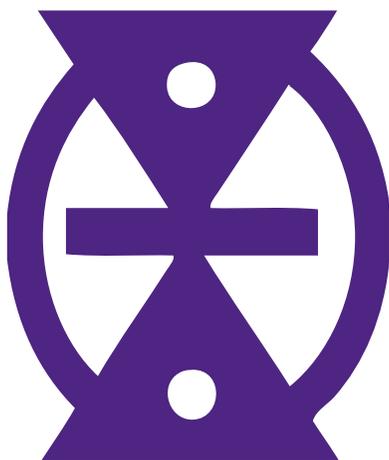
GUIA METODOLÓGICO



EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS:

APOSTANDO NA PARTICIPAÇÃO DA
COMUNIDADE ESCOLAR

GUIA METODOLÓGICO



GUIA METODOLÓGICO

O Guia Metodológico integra a *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*, desenvolvida a partir de projeto apresentado por Ação Educativa ao edital público da linha de micro projetos em Direitos Humanos da Comissão Europeia no Brasil. O projeto contou com a contrapartida do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef, Instituto C&A e Save the Children UK. A Coleção é composta por dois DVDs, duas publicações, nove cartazes e um folheto.

COLEÇÃO EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: APOSTANDO NA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Parceiros: Ação Educativa, Unicef, Seppir (Secretaria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial) e Ministério da Educação

Coordenação: Denise Carreira

Consultoria: Ana Lúcia Silva Souza

Assessoria: Tania Portella (2008-2010), Uvanderson Silva (2011-2012) e Jaqueline Santos (2012-2013)

Colaboração: Suelaine Carneiro, Ana Paula Corti, Renato Nascimento e Thais Bernardes

Escolas que participaram da construção dos materiais: Escola Municipal Armando Righetti (diretora Maria Cláudia Fernandes), Escola Municipal Fernando Azevedo (diretora: Silvana Marques), Escola Municipal Antônio Carlos (diretor: Marcos Mendonça) e Escola Municipal Capistrano de Abreu (diretor: Josafá Rehem), localizadas na cidade de São Paulo. Agradecemos a todos e a todas estudantes, profissionais de educação e familiares que participaram do processo de construção dos materiais.

GUIA METODOLÓGICO

Coordenação e Edição: Denise Carreira

Texto: Denise Carreira e Ana Lúcia Silva Souza

Anexos: Jaqueline Santos (seção Possibilidades de Uso dos DVDs) e Márcia Regina da Silva (seção Possibilidades de Uso dos Cartazes Afro-brasilidades em Imagens)

Revisão de texto: Fernanda Bottallo e Dylan Frontana

Projeto gráfico e diagramação: Signorini Produção Gráfica

Ilustração da capa (extraída do DVD 1): Victor Epifanio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(ANTONIO CARLOS DE SOUZA JUNIOR, CRB8/9119)

C314g

Carreira, Denise

Guia metodológico - educação e relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar / Denise Carreira, Ana Lúcia Silva Souza. - São Paulo : Ação Educativa, 2013.

56p. : il.

ISBN: 978-85-86382-26-0

1. Educação. 2. Relações Raciais. 3. Racismo. 4. Discriminação. 5. Ação educativa. 6. UNICEF. 7. SEPPIR. 8. MEC. I. Autor. II. Título.

CDD 370

Novembro de 2013

Ação Educativa – Rua General Jardim, 660

São Paulo SP – CEP: 01223-010

Tel: (11) 3151-2333

www.acaoeducativa.org

relacoesraciais@acaoeducativa.org

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - ABRINDO A RODA	5
2. O GRUPO GUARDIÃO	12
3. QUEM SOMOS? O PERFIL DA ESCOLA	17
4. AGITANDO A ESCOLA: O USO DA PESQUISA DE OPINIÃO	19
5. HORA DE APROFUNDAR: A METODOLOGIA DOS GRUPOS DE DIÁLOGOS	22
6. AUTOAVALIAÇÃO PARTICIPATIVA: OS INDICADORES RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA	30
7. O MAPA DA MINA: ACÚMULOS, MEMÓRIAS E TESOUROS	34
8. PLANEJAR E AGIR	37
9. A BOLA NÃO PODE CAIR	39
ANEXOS	42
1. POSSIBILIDADES DE USO DOS DVDS EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS	
2. POSSIBILIDADES DE USO DA COLEÇÃO DE CARTAZES AFRO-BRASILIDADES EM IMAGENS	





Adinkra SABEDORIA, INTELIGÊNCIA, PACIÊNCIA



1. INTRODUÇÃO

ABRINDO A RODA

Adinkra: UNIDADE NA DIVERSIDADE

Este Guia Metodológico integra a Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. Ele apresenta caminhos, dicas e possibilidades metodológicas destinadas a envolver os sujeitos das escolas (estudantes, profissionais de educação, familiares etc.) com estratégias de superação do racismo e de outras discriminações. Caminhos que devem ser reinventados e adaptados conforme os desafios, os acúmulos e as especificidades de cada escola e de cada realidade local e regional.

A promulgação da Lei 10.639, em 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), tornando obrigatórios o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira e a educação das relações étnico-raciais em toda a educação básica (pública e privada), constituiu uma grande conquista do movimento negro brasileiro, fruto de sua atuação histórica contra o racismo.

A partir dessa alteração na LDB, multiplicaram-se experiências importantes nos espaços escolares e nas redes de ensino de todo o país. Porém, muitas dessas experiências ainda enfrentam resistências diversas e são marcadas pela fragmentação, pelo isolamento no ambiente escolar, pela descontinuidade e pela falta de condições institucionais que permitam o seu maior “enraizamento” nas creches, escolas e universidades e no conjunto das políticas educacionais.

Nesse sentido, o objetivo deste Guia Metodológico e dos demais materiais Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* é contribuir para o desenvolvimento da corresponsabilidade social na superação do racismo e de outras discriminações presentes nos espaços escolares.

A Coleção parte do entendimento de que a igualdade racial deve ser assumida como um eixo fundamental da qualidade da educação. Qualidade compreendida nas seguintes dimensões: 1) acesso à escolarização (ampliação da oferta educativa e estímulo à demanda social por direito à educação); 2) insumos (condições concretas da oferta educativa: infraestrutura, valorização dos(as) profissionais de educação, materiais educativos etc.); 3) processos (pedagógicos, participativos, avaliativos e de gestão) e 4) equidade educativa (superação das desigualdades e discriminações e condições de permanência).

No Brasil, os dados de instituições governamentais, acadêmicas, agências internacionais e de sociedade civil apontam que o racismo impacta profun-

damente todas essas dimensões. Seja na maior presença de negros(as) entre aqueles(as) que estão fora de creches, escolas e universidades; na concentração de pessoas negras em instituições educativas com as piores condições de atendimento e insumos; nos processos pedagógicos e avaliativos que desconsideram os sujeitos e seus contextos; e na “naturalização” de que determinadas crianças, adolescentes, jovens e adultos têm menos direitos de fato do que outros em decorrência da cor da pele e da origem social.

O aprimoramento de estratégias que promovam a qualidade educacional e o direito humano à educação de qualidade no Brasil efetivamente para todos e todas exige enfrentar o racismo como um dos grandes desafios históricos da democracia brasileira, ainda minimizado nos debates educacionais do país. Enfrentá-lo é uma responsabilidade de toda a sociedade brasileira, conforme destaca o Parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana¹, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em 2004.

SUPERANDO RESISTÊNCIAS

Mais especificamente, a Coleção *Educação e Relações Raciais* visa contribuir para que as escolas desenvolvam um processo de autoavaliação participativa sobre a implementação das disposições da LDB alterada pela Lei 10.639/2003, ampliem a roda de pessoas e coletivos envolvidos com o enfrentamento do racismo e de outras discriminações e construam um plano de ação estratégica que supere resistências e gere transformações efetivas no cotidiano escolar.

A proposta também busca reconhecer, potencializar e articular ações já desenvolvidas por escolas, secretarias de educação, universidades e organizações da sociedade civil, destinadas a promover uma educação antirracista e não discriminatória. Nesse sentido, a iniciativa reafirma a importância de concretização do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana², de 2009, que tem por objetivo ampliar as condições de institucionalização da LDB alterada pela Lei 10.639/2003 nas políticas educacionais.

A Coleção foi desenvolvida do trabalho com escolas, do diálogo com experiências internacionais e nacionais de educação das relações raciais – em especial as promovidas a partir de organizações do movimento negro brasileiro

1 Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf

2 Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13788:diversidade-etnico-racial&catid=194:secad-educacao-continuada&Itemid=913

– e com outras experiências educativas comprometidas com a superação das discriminações e afirmação dos direitos humanos de todas as pessoas.

A Coleção é composta por quatro materiais, além deste Guia Metodológico. Eles estão disponíveis para acesso público e gratuito pela internet e podem ser utilizados de forma combinada ou separada em diversos momentos e espaços da vida escolar: em atividades em sala de aula, em horários de planejamento pedagógico e de formação de professores, em reuniões de pais, mães e familiares, em plenárias com toda a comunidade escolar, em festas, em processos de autoavaliação participativa, em reuniões do grêmio estudantil, nas atividades de pátio etc. Os materiais são os seguintes:

- 1. Afro-brasilidades em Imagens:** Conjunto de nove cartazes produzidos por artistas plásticos com base em temas que emergiram do trabalho da Ação Educativa com escolas públicas. O material vem contribuir para suprir uma grande lacuna: a falta de imagens no ambiente escolar (nas salas de aula, nos corredores, no pátio etc.) que afirmem positivamente a população negra nas escolas. Os cartazes abordam os seguintes temas: cabelos; Áfricas; mídia e negritude; arte e cultura; ciência e produção de conhecimento; mulheres e meninas negras; resistências e movimentos sociais; pessoas negras em diferentes espaços sociais e a diversidade na escola.
- 2. Indicadores de Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola:** Integrante da série Indicadores de Qualidade na Educação (<www.indicadoreseducacao.org.br>), a publicação é um instrumento de apoio a processos de autoavaliação participativa escolar, comprometido com o fortalecimento da gestão democrática e com uma política de avaliação educacional que possa ir além das chamadas avaliações de larga escala, que tem no IDEB (Indicador de Desenvolvimento da Educação Básica) a sua principal referência. Os Indicadores Relações Raciais na Escola são compostos por indicadores vinculados a sete dimensões: relacionamento e atitudes; currículo e prática pedagógica; recursos e materiais didáticos; acompanhamento, permanência e sucesso; a atuação dos(as) profissionais de educação; gestão democrática; para além da escola.
- 3. DVD 1 – Educação e relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar (16 minutos):** Construído por meio da linguagem de animação, o filme aborda os desafios envolvidos no enfrentamento do racismo e caminhos para uma abordagem sistemática nas escolas. Apresenta as bases da metodologia do projeto *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* e busca sensibi-

lizar estudantes, profissionais de educação e familiares sobre a importância de uma ação articulada no ambiente escolar e na comunidade.

- 4. DVD 2 – Educação e relações raciais: diálogos Brasil e África do Sul (58 minutos):** O foco desse documentário é o lugar da agenda racial nas políticas educacionais no Brasil e na África do Sul, dois países marcados por democracias recentes e por históricas e profundas desigualdades raciais. Com base em entrevistas com gestores(as), pesquisadores(as) e ativistas dos dois países, o documentário explicita os desafios colocados para o campo das políticas públicas. Esse filme é um material mais complexo e adensado, que pode ser utilizado na íntegra ou em capítulos (Introdução, parte Brasil, parte África do Sul) em debates com a comunidade escolar, processos de formação ou em horários de trabalho coletivo de profissionais de educação.
- 5. Guia Metodológico:** Como citado no início deste texto, este Guia Metodológico aborda as possibilidades da Coleção a serem exploradas, recriadas e adaptadas para diferentes contextos escolares. Ao final, contém uma seção dedicada a sugestões de trabalho – dentro e fora da sala – com os dois DVDs da coleção e com o conjunto dos nove cartazes Afro-brasilidades em Imagens.

AS BASES DA PROPOSTA METODOLÓGICA

A proposta metodológica da Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* visa à construção de um ambiente escolar favorável à promoção da corresponsabilidade e à definição de um conjunto de ações planejadas coletivamente que possam contribuir de forma mais sistemática para o enfrentamento do racismo, em suas articulações com as desigualdades de gênero, renda, orientação sexual, área (urbana, rural ou florestal), origem regional ou nacional, existência de deficiência, entre outras. A proposta metodológica se organiza com base no seguinte triângulo conceitual:



No centro do triângulo, encontra-se uma gestão democrática ampla, plural e diversa, como princípio do Estado de Direito. Parte-se do entendimento de que uma gestão democrática “pra valer” anda de mãos dadas com o reconhecimento das múltiplas diferenças que existe no ambiente escolar e na sociedade. Uma gestão educacional – da escola aos sistemas de ensino – que valorize diferentes vozes, saberes, experiências, estéticas, necessidades e propostas contribui para distribuir o poder de decisão, mostrar a força da diversidade e revelar que muitas vezes ela é marcada por desigualdades e discriminações presentes tanto na escola e nas políticas educacionais como na sociedade.

A gestão democrática deve valorizar a opinião e a participação de cada um para alcançar o bem comum. A participação é um direito humano, previsto na legislação, e representa o direito de todas as pessoas de participarem das decisões que afetam suas vidas e de suas coletividades. Muitas vezes o racismo faz com que as vivências, acúmulos e opiniões de pessoas negras, indígenas, ciganas, migrantes e de outros grupos discriminados, sejam menos considerados, estimulados e valorizados nos espaços escolares.

Concretamente, quando falamos de gestão democrática na escola, nos referimos à existência e ao funcionamento de processos e instâncias (conselhos escolares, grêmios estudantis, autoavaliação participativa etc.); ao reconhecimento de variadas formas de participação na escola e na comunidade (grupos culturais, esportivos, ambientalistas etc.); ao desenvolvimento da relação com as famílias que supere a “culpabilização”; à democratização e abordagem acessível das informações sobre a escola que qualifiquem a participação.

A gestão democrática exige, para a sua efetivação, o estabelecimento de mecanismos legais e institucionais e a organização de ações que desencadeiem e estimulem a participação social e política não como um evento, mas como um processo permanente. Gestão democrática não “brota”, ela exige intencionalidade e condições. Essa participação deve incidir no processo de tomada de decisão com relação à definição do que deve ser considerado prioritário, ao planejamento das ações, à definição do uso de recursos financeiros, à divisão e ao cumprimento de responsabilidades e à avaliação do que foi planejado.

Influenciar a tomada de decisão é o principal desafio da gestão democrática. Ainda hoje, a gestão democrática em educação no Brasil é muito frágil, caracterizada pela pouca escuta das comunidades, falta de reconhecimento e estímulo à organização dos diferentes sujeitos escolares, condições inadequadas (horários de reuniões, abordagem acessível e amigável etc.), baixo investimento em conselhos escolares e grêmios estudantis, conselhos municipais com pouco ou nenhuma autonomia com relação aos gestores públicos, limitado diálogo com a sociedade e muita discriminação com relação a quem é considerado legítimo arrumar.

Com base na legislação e nas normativas que estabelecem a superação do racismo na sociedade brasileira e, especificamente, na educação, a metodologia da Coleção propõe o envolvimento dos conselhos escolares, grêmios estudantis e de outras formas de participação existentes nas escolas em ações destinadas a refletir, a planejar, a implementar e avaliar ações comprometidas com uma educação antirracista e não discriminatória.

Busca-se, dessa forma, comprometer outros(as), visando a uma abordagem mais sistêmica e integral e a superação do isolamento de várias experiências importantes de enfrentamento do racismo e de outras discriminações no âmbito escolar. Evidentemente, o maior envolvimento desses outros segmentos e grupos dependerá do contexto e das condições de cada escola e comunidade.

Tendo como centro a aposta na participação da comunidade escolar, no marco da gestão democrática, a proposta metodológica da Coleção articula os seguintes vértices do triângulo:

- **Valorização da cultura e da história africana e afro-brasileira:** O foco aqui é tornar visível, reconhecer e abordar de forma crítica nos mais diversos espaços escolares a pluralidade de culturas, conhecimentos e histórias da população negra, ainda pouco presentes no contexto escolar ou tratadas, muitas vezes, a partir de uma perspectiva folclórica, exótica, fora do “normal”. O objetivo também é contribuir para a desconstrução das hierarquias e da ideia “naturalizada” de que somente os conhecimentos, as histórias e as culturas de povos europeus e de outros países do hemisfério norte do planeta são legítimos e “universais”.
- **Currículo contextualizado, plural e significativo:** De modo geral, o currículo define os temas, os conteúdos e as questões que serão abordados pela escola. A proposta político-pedagógica trata de como tudo isso será trabalhado junto com os alunos e pelo conjunto da escola para gerar aprendizagens importantes, que façam sentido na vida das pessoas. Do ponto de vista de uma educação para a igualdade racial, é urgente superar a ideia de currículo compreendido apenas como um conjunto de disciplinas e conteúdos, que não considera as histórias e as necessidades cotidianas vividas pelas pessoas em suas comunidades, e que sustenta racismos e práticas discriminatórias por meio de silêncios, omissões ou mesmo de forma explícita. É necessário também superar a ideia de proposta pedagógica que não dialoga com a realidade da sociedade brasileira e nem faz sentido para a comunidade na qual a escola está inserida. Tal concepção de currículo e de proposta pedagógica que nega a diversidade tem consequências danosas para a comunidade escolar, em especial para aqueles que trazem nos corpos e nos modos de ser o traço de suas dife-

renças, como as pessoas indígenas, migrantes, deficientes, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, e, em especial, homens e mulheres negra(o)s. Nesse sentido, o foco deste vértice da metodologia é estimular que o reconhecimento e a valorização de outras perspectivas, conhecimentos, histórias e culturas encharquem o currículo e as práticas pedagógicas e alimentem o diálogo com os sujeitos e contextos locais.

- **Educação antirracista e não discriminatória:** O foco desse vértice são as atitudes e relações cotidianas nos espaços escolares visando à superação de atitudes racistas e discriminatórias, compreendidas como aquelas que geram humilhações e sofrimentos a pessoas em decorrência do seu pertencimento a determinados segmentos e grupos da população. Atitudes explícitas por meio de agressões e humilhações, como piadas, xingamentos, apelidos, violência física etc. ou atitudes “sutis”, por meio da distância social, da falta de reconhecimento e de estímulo, da negação, da desatenção, da distribuição desigual de afeto e da baixa expectativa positiva com relação ao desempenho, em especial, de pessoas negras. A educação antirracista e não discriminatória visa a reeducar olhares, ouvidos e mentes, estimulando o *reconhecimento de situações* de racismo e de outras discriminações no cotidiano escolar, *a compreensão crítica de tais situações no contexto das relações de poder* da sociedade e *a transformação das atitudes e relações sociais* na perspectiva da afirmação do respeito, da solidariedade e dos direitos humanos de todos e todas.

A seguir, apresentaremos propostas a serem consideradas para o planejamento da utilização da Coleção *Educação e Relações Raciais* em sua escola. Lembramos que o uso da Coleção pode ser enriquecido com outros materiais, projetos e estratégias, além de poder revelar demandas da escola a serem encaminhadas à secretaria de educação. Essas demandas podem se referir à necessidade de apoio, de acompanhamento técnico e de formação de profissionais de educação sobre temas para o aprofundamento de determinadas questões, entre outras. Tudo isso deve estar explicitado no plano de ação que será definido coletivamente pela escola.

Observamos que a coleção foi pensada para escolas de ensino fundamental e médio, mas pode ser adaptada para outros níveis e modalidades da educação, considerando também às especificidades dos participantes (crianças de menor idade, pessoas com deficiências, estudantes de áreas rurais/florestais, estudantes da educação de jovens e adultos etc) e de seus contextos locais e regionais, visando a participação plena no processo de uso da coleção *Educação e Relações Raciais*.

Convidamos vocês a compartilharem suas experiências conosco: **relaçõesraciais@acaoeducativa.org** e desejamos um bom trabalho!

2. O GRUPO GUARDIÃO



Adinkra: CARISMA, GRANDEZA E LIDERANÇA

São várias as possibilidades de uso da Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. Uma das possibilidades é utilizar a Coleção como material de apoio a um processo mais amplo de debate coletivo na comunidade escolar, destinado a construir um plano de ação da escola comprometido com a promoção da igualdade racial.

Tal plano deve conter metas factíveis, “pé no chão”, que contribuam para a superação do racismo e de outras discriminações no cotidiano da instituição. O processo de debate coletivo também pode identificar demandas e desafios que fogem da governabilidade e das condições da escola e que se referem ao plano das políticas públicas. Tais demandas e propostas devem ser encaminhadas às Secretarias de Educação e a outras instituições e órgãos públicos e podem subsidiar a atuação política de grupos e movimentos da sociedade civil pelo direito humano à educação de qualidade.

QUEM PUXA?

Para começar, é fundamental a constituição de um grupo impulsionador do processo, que chamaremos aqui de *Grupo Guardião*. Na medida do possível, com presença de mulheres e homens negros, brancos, indígenas e de outros pertencimentos étnico-raciais existentes na comunidade. A ideia aqui é reafirmar que a superação do racismo não é um problema ou responsabilidade de pessoas negras, indígenas, migrantes e ciganas, mas um desafio de todas as pessoas, de toda a escola, de toda a sociedade brasileira.

O *Grupo Guardião* não somente organizará o processo, mas cuidará de mantê-lo vivo e que suas decisões possam ser implementadas pela escola e avaliadas e aprimoradas periodicamente.

Conforme a realidade de cada escola, o *Grupo Guardião* deverá ser articulado diretamente ao Conselho Escolar e ao Grêmio Estudantil, envolvendo profissionais de educação, familiares, lideranças comunitárias e estudantes interessados ou com acúmulos para o desenvolvimento do processo. Pode ser “puxado” por professores, estudantes, familiares ou outras pessoas com experiência ou interessadas na questão.

O CONSELHO ESCOLAR E O GRÊMIO ESTUDANTIL

É bom lembrar que toda escola deve ter um Conselho Escolar¹. O Conselho Escolar é formado por representantes de alunos, familiares, professores(as), outros(as) profissionais de educação, integrantes da comunidade local e o(a) diretor(a) da escola. Cada escola deve estabelecer regras transparentes e democráticas para a escolha daqueles e daquelas que vão compor o conselho. O Conselho Escolar é responsável por cuidar do funcionamento da gestão administrativa, pedagógica e financeira da escola. Os Conselhos deliberam (decidem coisas), assessoram a direção, fiscalizam o uso dos recursos e mobilizam a comunidade escolar para a participação na escola. Um dos papéis mais importantes dos Conselhos é a discussão do projeto político pedagógico da escola com professores e diretores, ou seja, quais os temas, os desafios e as estratégias que a escola vai priorizar para melhorar a qualidade da educação oferecida aos alunos e alunas.

Já o *grêmio estudantil* é uma organização que nasce da união dos estudantes de uma escola para representar os interesses de todos os alunos e alunas. O direito dos estudantes à organização por meio de grêmios está previsto na legislação federal. O grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e luta por direitos. Por isso, um dos seus principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades da escola, organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, fazendo com que os alunos tenham voz ativa e participem – junto com familiares, funcionários, professores, coordenadores e diretores – da programação e da construção das regras dentro da escola².

Se a escola não tiver um conselho escolar e/ou grêmio estudantil atuante, é hora de criá-los ou de rever e fortalecer aqueles que existem, mas que não funcionam adequadamente. Enquanto isso, o *Grupo Guardião* pode ser implantado com professores, estudantes, familiares e equipe de direção ou coordenação pedagógica e apoiar o processo de criação e de fortalecimento dessas instâncias na escola.

É importante destacar que a direção e/ou a coordenação pedagógica devem participar diretamente do *Grupo Guardião*, apoiando explicitamente a iniciativa e contribuindo para que o trabalho se articule de forma mais estrutural ao projeto político-pedagógico da escola e a outras ações e projetos em curso na instituição. Se por diversas razões, ao longo do tempo, algumas pessoas não puderem permanecer no grupo, novos integrantes e integrantes são bem-vindos para recompor e somar com o grupo já constituído.

1 Mais informações no Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares, do Ministério da Educação, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad1.pdf>

2 Mais informações no site do **Projeto Grêmio em Forma**: <www.soudapaz.org.br>.

Não há um limite para o número de pessoas do *Grupo Guardião*. Entretanto, sugerimos que ele não seja muito grande, para que possa ser viável a participação de seus integrantes nas reuniões. O fundamental é fortalecer um grupo coeso, que assuma o desafio de arregaçar as mangas e tocar o processo com entusiasmo.

PREPARAÇÃO DO GRUPO GUARDIÃO

Depois de definidas as pessoas que serão integrantes do *Grupo Guardião*, é hora de marcar a primeira reunião em um horário compatível para a maioria. Um ambiente acolhedor nas reuniões é fundamental para que todos(as) se sintam bem e valorizados. Uma rodada de apresentação, que permita que as pessoas falem sobre por que estão participando do grupo, quais são suas expectativas e o que acham que podem trazer para o trabalho coletivo, pode ser um bom ponto de partida. Mesmo naqueles grupos de pessoas que já se conhecem, há sempre coisas novas a se descobrir.

Na reunião de criação do *Grupo Guardião*, é importante discutir os objetivos do *Grupo Guardião*, os próximos passos e seu cronograma de reuniões. Pode-se também listar pessoas a serem convidadas a integrá-lo. Uma primeira sugestão de atividade a ser feita pelo grupo é a realização do *Mapa da Mina*.

MAPA DA MINA

O *Mapa da Mina* é o levantamento dos “tesouros”, das experiências e dos projetos desenvolvidos anteriormente na escola que se referem à igualdade racial e ao enfrentamento de outras discriminações, e que devem ser referências para o trabalho que será construído.

Muitas vezes, experiências que a escola já teve ou tem e que não diretamente abordam a questão racial também podem se constituir em importante subsídio para o trabalho que será realizado. Por exemplo, um projeto que trabalhe com a produção de biografias de pessoas da escola e da comunidade.

O *Grupo Guardião* pode montar uma “Parede da Memória e dos Tesouros” contendo imagens (fotos, ilustrações, desenhos, cartazes, depoimentos, fragmentos de textos etc.) de experiências existentes na escola rumo a uma educação antirracista e não discriminatória. A Parede pode ser “montada” tendo como suporte um tecido bonito e deve ser utilizada em eventos ou ficar exposta em vários lugares da escola. É importante que ela seja vista pelo maior número de pessoas possível!

DEBATE, ESTUDO E FORMAÇÃO

É importante que o *Grupo Guardião*, antes de iniciar o processo de uso da *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* na escola, estude o material, leia atentamente as publicações, discuta os vídeos, reflita sobre os cartazes.

Na seção “Para Saber Mais”, dos Indicadores *Relações Raciais na Escola*, o grupo contará com mais dicas de materiais e de subsídios que contribuirão para o processo formativo do coletivo sobre conceitos, estatísticas e experiências de outros lugares do País.

Com base nesse estudo, é importante discutir como as pessoas do grupo analisam a situação do racismo e de outras discriminações na escola, na comunidade e na sociedade em geral. Também podem ser convidadas para partilharem suas experiências e acúmulos com o *Grupo Guardião*: ativistas de movimentos negros e de outros movimentos sociais, especialistas e/ou moradores(as) ou lideranças da comunidade. Na medida do possível, a memória desses depoimentos deve ser registrada em vídeo, texto ou áudio.

PLANEJAMENTO DO PROCESSO

O *Grupo Guardião* deve fazer um planejamento de como se dará a utilização da *Coleção Educação e Relações Raciais* em suas diferentes etapas. Para o bom desenvolvimento do trabalho, é importante definir quem ficará responsável pelo quê, que materiais e equipamentos serão utilizados em cada etapa, se é necessário organizar lanches com a escola e qual o cronograma para a realização das atividades. Em cada reunião do *Grupo Guardião*, deve-se avaliar o que foi feito e o que não foi possível ser realizado, de maneira a poder reorganizar a realização das ações previstas.

COMUNICAÇÃO

Muitas escolas já possuem um *blog* ou *site* para divulgar suas atividades e projetos. Conforme as condições, o *Grupo Guardião* pode propor ou criar uma seção nesses espaços virtuais para divulgar as ações, os levantamentos, as experiências, as entrevistas e os depoimentos que serão obtidos com o desenvolvimento das propostas presentes na *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. Os murais nas paredes, os boletins e/ou outros materiais e espaços de divulgação da escola também poderão ser utilizados para registrar e comunicar para mais gente as atividades, os acúmulos e as estratégias.

ATENÇÃO: Tanto o *blog* como a “Parede da Memória e dos Tesouros”, o “Mapa da Mina”, entre outras atividades que serão sugeridas neste Guia Metodológico devem envolver os estudantes (crianças, adolescentes³, jovens e adultos) e podem ser trabalhadas como parte das atividades curriculares em sala de aula. Por exemplo, as entrevistas ou as pesquisas podem ser utilizadas como parte de estratégias de letramento.

ESCOLHENDO A NOSSA TRILHA: SUGESTÕES DE ETAPAS E MOMENTOS

A seguir, apresentaremos um conjunto de sugestões de momentos do processo de utilização da Coleção, que podem ser combinados de formas diferentes conforme a realidade, as condições, o tempo disponível e os acúmulos de cada escola. É possível também agregar outras ações e etapas não previstas neste Guia. Como já destacado, a proposta metodológica da Coleção é um “leque aberto” e sugere possibilidades que ganham com a criatividade de cada grupo. São várias “trilhas” possíveis. Vamos nessa?

CONHECENDO OS ADINKRAS

Na abertura de que cada seção do Guia Metodológico encontra-se um símbolo Adinkra, que inspira o sentido da seção. Na publicação *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola*, que integra a Coleção Educação e Relações Raciais, também constam vários símbolos Adinkras⁴. Os símbolos Adinkras foram criados pelos povos Akan, presentes em Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste. Constituem um sistema de escrita pictográfica e de ideias comprometidas com a preservação e a transmissão de valores fundamentais. Uma das atividades que podem ser desenvolvidas no *Grupo Guardião*, em outros momentos mais coletivos do processo de aplicação da Coleção ou mesmo em atividades de sala de aula, é pesquisar sobre os símbolos Adinkras e escolher coletivamente aqueles que inspiram cada momento do processo de uso da Coleção. Sugerimos aqui alguns Adinkras, mas os grupos podem propor outros, conforme o contexto, os acúmulos e os desafios de cada escola.

³ Para saber mais sobre a participação de crianças e adolescentes, sugerimos a leitura da publicação *Participação de Crianças e Adolescentes e os Planos de Educação*, elaborada pela Ação Educativa, como parte da iniciativa estratégica com outros parceiros; intitulada **De Olho nos Planos**, disponível no site: <www.deolhonosplanos.org.br>.

⁴ Os símbolos Adinkras foram extraídos do livro *Adinkra: sabedoria em símbolos*, de Elisa Larkin Nascimento. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2009. Há vários sites na internet que abordam os Adinkras. Um deles é o da Casa das Áfricas, instituto de pesquisa, de formação e de promoção de atividades culturais sobre o continente africano: <www.casadasafricas.org.br>



Quem são os alunos e alunas de nossa escola? Quem são as famílias, os professores, a direção e a equipe pedagógica? Quem são as merendeiras e demais profissionais de educação que trabalham na escola? Quem é a comunidade na qual a escola está inserida? Quais são as condições de funcionamento da instituição?

Uma primeira atividade proposta pelo *Grupo Guardião* é o levantamento do perfil da escola. O perfil pode resultar de uma construção coletiva mais ampla, mobilizar turmas de estudantes alunos como parte do trabalho curricular ou envolver um pequeno grupo que faça um levantamento preliminar a ser aprimorado nas próximas etapas do processo.

O perfil da escola pode reunir informações como:

- endereço, nome da equipe gestora e pedagógica.
- existência ou não do conselho escolar, do grêmio.
- tamanho da escola (número de alunos e alunas), por idade, quesito cor/raça, por série/ciclo.
- dados educacionais da escola (Ideb, taxa de evasão, taxa de frequência, taxa de matrícula, taxa de repetência etc).
- número de professores e professoras, jornada, formação, condições de trabalho e horário de trabalho coletivo. A escola necessita de mais professores? Há disciplinas sem aula?
- condições de funcionamento a partir dos insumos previsto no Custo Aluno Qualidade Inicial¹ (CAQi) – número de alunos por turma, infraestrutura (salas de aula, salas de professores e da equipe de direção, banheiros, refeitório, quadra, biblioteca, ou sala de leitura, laboratórios, sala do grêmio ou de convivência estudantil), equipamentos, materiais didáticos e paradidáticos, recursos para projetos e passeios, limpeza, número suficiente de funcionários.
- realidade socioeconômica da comunidade/região/município em que a escola está inserida.
- demandas por educação mais comuns na comunidade.

1 Previsto na legislação educacional, o Custo Aluno Qualidade vem responder a pergunta qual o investimento necessário por criança (no caso das creches) ou por estudantes (no caso das escolas) para que o Brasil cumpra o que está na lei e garanta condições para ampliação do número de vagas e para a melhoria de educação? Quanto custa esse direito? Para esse cálculo, a Campanha Nacional pelo Direito à Educação construiu uma proposta de CAQ com base em uma “cesta” de insumos (condições concretas para um atendimento de qualidade), que foi assumida pelo Conselho Nacional de Educação (2010). Para saber mais sobre o CAQ, acesse Educação pública de qualidade: quanto custa esse direito: http://arquivo.campanhaeducacao.org.br/publicacoes/CAQieducativo_2Educao.pdf

- relação com as famílias.
- relação da unidade escolar com outras escolas da região.
- relação com a Secretaria de Educação.
- existência de outras instituições da rede de proteção dos direitos da criança e do adolescente na cidade, previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).
- existência de movimentos negros e de outros movimentos, grupos e organizações da sociedade civil na comunidade ou cidade.
- principais desafios e problemas enfrentados pela escola.

É fundamental identificar as informações que já existem na escola e informações que não se têm, mas que são importantes de serem obtidas em outras etapas do processo. Listar tais demandas e questões em um cartaz constitui ponto a ser enfrentado pelo futuro plano de ação da escola.

As informações obtidas no processo podem ser divulgadas no blog ou site da escola, serem discutidas em sala de aula, reuniões e encontros no ambiente escolar ou fora dele. A síntese de tais informações pode ser exibida em um mural da escola.

Consideramos que tais levantamentos de informações sobre o perfil da escola “adubam o terreno” para o desenvolvimento do processo de uso da coleção Educação e Relações Raciais e para outros processos e projetos relevantes destinados ao fortalecimento da gestão democrática e ao aprimoramento do atendimento educacional de qualidade em uma perspectiva contextualizada.

4. AGITANDO A ESCOLA



O USO DA PESQUISA DE OPINIÃO

Adinkra: ENERGIA

Para dar início a um processo mais amplo de debate na comunidade escolar sobre o racismo e outras discriminações na escola, uma das possibilidades é o uso da Pesquisa de Opinião ou de outros tipos de pesquisa que possam mobilizar todos(as) os(as) alunos(as), os(as) profissionais de educação, os familiares para a realização de um levantamento sobre o que pensam as pessoas com relação a esses problemas e o que sugerem como ideias e propostas para superá-los.

Uma das metodologias que podem ser usadas é o Nepso – Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (<<http://www.nepso.net/>>), desenvolvida pelo Instituto Paulo Montenegro¹ e pela Ação Educativa. Diferente de outras formas de pesquisa utilizadas no ambiente escolar nas quais os(as) alunos(as), os(as) familiares e os(as) profissionais de educação figuram somente como “fontes de informação”, o Nepso é uma metodologia ativa que tem como princípio o envolvimento das pessoas no estudo sobre os assuntos que serão abordados, na preparação do questionário, na aplicação do instrumento e na análise e divulgação dos resultados da pesquisa. A participação na pesquisa – tanto no desenvolvimento e na aplicação como na pessoa entrevistada – deve ser sempre voluntária, nunca obrigatória.

A utilização do Nepso no Brasil e em vários países tem como um dos pontos de destaque a valorização da participação de alunos(as) e de suas vozes a partir de temas de seu interesse. O envolvimento do grêmio estudantil no desenvolvimento da pesquisa pode garantir maior amplitude para iniciativa e contribuir para o fortalecimento da organização estudantil na escola. A metodologia possibilita a construção de novos conhecimentos e aprendizagens, bem como o desenvolvimento de capacidades e habilidades diversas, entre elas, a de investigar a realidade e de analisá-la criticamente, dando concretude ao currículo escolar.

Ao ouvir a opinião de outras pessoas, os(as) participantes têm a oportunidade de entrar em contato com experiências, pontos de vistas e conhecimentos diversos, de discuti-los em diálogo com outras fontes de pesquisa, o que dará maior embasamento teórico para abordar a questão, e de aprimorar suas próprias opiniões. Esse processo possibilitará a todos(as) refletirem sobre como as visões de mundo são construídas socialmente, por meio de influências, acordos, conflitos e negociações cotidianas.

¹ O Instituto Paulo Montenegro é uma organização sem fins lucrativos, vinculada ao Ibope, que tem por objetivo desenvolver e executar projetos na área de Educação (<www.ipm.org.br>).

ETAPAS

A Pesquisa de Opinião pode ser utilizada no planejamento e no desenvolvimento da gestão democrática escolar, no processo de ensino-aprendizagem, na contextualização dos conteúdos das disciplinas, na integração de diversas disciplinas e na articulação da escola com a comunidade. Ela é desenvolvida por meio das seguintes etapas:

- **Formação da equipe da pesquisa:** que pode envolver um(a) professor(a) com sua turma de alunos(as), várias turmas de alunos(as) ou o conjunto da escola a partir de um ação articulada com a direção, a coordenação pedagógica e o conselho escolar.
- **Definição do tema:** momento coletivo no qual se buscam respostas para as seguintes questões: O que queremos saber? O que já sabemos sobre o assunto, no âmbito local ou em referências mais amplas? Que tipos de dúvidas pretendemos abordar por meio da pesquisa? Quais hipóteses podemos levantar com a pesquisa? Quais os vários lados/aspectos do problema serão abordados? O que será feito com os resultados da pesquisa? Como e para quem serão divulgados?
- **Estudo sobre o tema que será abordado na pesquisa:** nesse momento é importante estimular o levantamento de informações sobre o tema da pesquisa em diferentes fontes (livros, jornais, revistas, internet, depoimentos de familiares e pessoas da comunidade etc.), que possam contribuir para a maior compreensão das questões em jogo e embasamento.

Além das etapas mencionadas acima, podemos acrescentar outras como: identificação da população e definição da amostra (número de pessoas que serão entrevistadas); elaboração do questionário; aplicação do questionário na comunidade escolar; tabulação e processamento dos dados; análise, interpretação e apresentação dos resultados e registro e sistematização da experiência. Essas etapas podem envolver professores de várias disciplinas (história, matemática, língua portuguesa, artes etc.) e estão mais bem detalhadas no *Manual do Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião*, disponível para acesso público e gratuito em: <<http://www.nepso.net/publicacao>>.

No que se refere à abordagem das problemáticas do racismo e das discriminações no ambiente escolar, a utilização da Pesquisa de Opinião pode pautar o debate sobre questões que são muitas vezes silenciadas, invisibilizadas e minimizadas na escola. Ela pode constituir um bom ponto de partida para sensibilizar todas as pessoas para as questões levantadas até então, gerando subsídios para os momentos seguintes do processo de uso da *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. Esses momentos são: os Grupos de Diálogos, o uso

dos *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* pela comunidade escolar e a construção e implementação do Plano de Ação Escolar. A Pesquisa de Opinião pode ser também utilizada na avaliação do Plano de Ação e no levantamento de ideias para aprimorá-lo.

É importante observar que o *Grupo Guardião* deve propor a realização da pesquisa e acompanhar atentamente o seu desenvolvimento para que situações que por ventura sejam reveladas pela pesquisa não venham a ser utilizadas para acirrar discriminações e racismos contra determinadas pessoas ou grupos. A intervenção pedagógica imediata é fundamental!

Em vez de utilizarem a metodologia Nepso, as escolas poderão optar por discutir a elaboração e a realização, com a equipe de alunos, de um questionário aberto, adaptado conforme o contexto escolar. Esse questionário pode ter como ponto de partida as seguintes questões:

- O que deve ter uma escola com boa convivência, na qual todos(as) se sintam respeitados(as)?
- Conte uma coisa boa e uma coisa ruim que aconteceu em nossa escola que marcou você.
- Há racismo, discriminação e preconceito em nossa escola? Você conhece ou já ouviu falar de alguma situação de racismo, discriminação e preconceito em nossa escola?
- Em sua opinião, como as pessoas que sofrem racismo e discriminação se sentem?
- Você já se sentiu assim alguma vez na vida?
- Em sua opinião, por que as pessoas discriminam as outras?
- O que pode ser feito na escola para que situações como estas não ocorram mais?
- O que você pode fazer para transformar essa situação?

Os conceitos abordados nas perguntas devem ser tema de discussão e estudo prévio em sala de aula e/ou em outras atividades escolares para que os(as) alunos(as), sobretudo os(as) que atuarão como entrevistadores(as), possam se sentir mais bem preparados para aplicarem o questionário e compreenderem os diferentes aspectos do racismo e das discriminações num contexto mais amplo da sociedade, e não como um problema de um indivíduo em particular.

É fundamental, envolver os(as) alunos(as) na sistematização, na análise e na apresentação dos resultados da pesquisa para a comunidade escolar, estimulando seu potencial para um debate amplo e democrático. Os resultados desse processo, como já abordado, alimentarão os outros momentos do processo de uso da Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*.

5. HORA DE APROFUNDAR



O USO DA METODOLOGIA GRUPOS DE DIÁLOGO

Adinkra: QUALIDADE, EXCELÊNCIA, GENUINIDADE, AUTENTICIDADE

Os *Grupos de Diálogo* são uma metodologia de origem canadense chamada *Choicework Dialogue*, desenvolvida pelo educador Daniel Yankelovich. Foi utilizada em caráter experimental pela Ação Educativa junto às escolas que participaram do projeto piloto que subsidiou a elaboração dos materiais da Coleção Educação e Relações Raciais¹.

Ela pode ser adaptada por escolas para que se faça um debate mais aprofundado sobre possíveis caminhos de superação do racismo e de outras discriminações no ambiente escolar, logo após a utilização da pesquisa de opinião ou de outros tipos de questionários/levantamentos junto à comunidade escolar. Também pode ser utilizada em outros momentos do processo, nos quais se pretenda criar oportunidades para adensar a reflexão coletiva sobre alternativas de ação diante dos problemas que se colocam na realidade da escola.

A metodologia possui muitos pontos de convergência com as propostas da educação popular latino-americana, inspiradas no pensamento do educador Paulo Freire. Essa metodologia consiste na organização de *Grupos de Diálogo* formados por cerca de 40 pessoas cada. Os participantes são convidados a debater um tema específico durante um dia inteiro². As discussões são conduzidas por facilitadores que apresentam aos participantes informações e alternativas para se abordar a questão em foco. Geralmente, apresentam-se três alternativas, chamadas na metodologia de “cenários” ou caminhos.

A metodologia parte do entendimento de que as pessoas formam suas opiniões e julgamentos por meio de um processo coletivo de troca de ideias e não por uma avaliação individual e isolada. Considera que a formação de opinião é um processo que envolve valores e emoções profundas. A troca de ideias – desde que as pessoas estejam abertas a ouvir e a dialogar – é formativa, na medida em que os participantes têm oportunidade de acessar informações, fazer conexões entre fatos e circunstâncias, perceber conflitos e se engajar em um processo coletivo de reflexão e debate.

1 O primeiro contato da Ação Educativa com a metodologia dos *Grupos de Diálogo* se deu por meio da participação da instituição no grupo de organizações que desenvolveram a pesquisa nacional *Juventude Brasileira: participação, esferas e políticas públicas* (2006), coordenada pelo Ibase e pelo Instituto Pólis. Mais informações sobre a metodologia estão disponíveis em <<http://www.ibase.org.br/userimages/Metodologia.pdf>> ou no site da instituição Viewpoint Learning (<<http://www.viewpointlearning.com>>).

2 Caso não seja possível um dia inteiro (8 horas), sugerimos, dois meios períodos em dias consecutivos (um após o outro) para que o “calor” do Grupo de Diálogo não “esfrie”.

Os *Grupos de Diálogo* vêm sendo utilizados em vários países na discussão de questões polêmicas que envolvem políticas públicas. É uma metodologia destinada a “pessoas comuns”, ou seja, não se trata de um diálogo entre especialistas.

ETAPAS

É necessário instituir um “Dia de Diálogo” que deve ter a duração aproximada de oito horas e acontece em momentos de plenária e de trabalho em grupos menores, de até 10 pessoas. O espaço, os materiais e os equipamentos necessários devem ser preparados com antecedência. As plenárias e o trabalho em grupo são conduzidos por dois facilitadores devidamente orientados para não intervir no conteúdo da discussão, mas para registrar os principais pontos do debate e apoiar para que o debate ocorra segundo as regras e acordos dos Diálogos.

Depois da apresentação dos participantes, que pode ser feita por meio de diferentes dinâmicas, são apresentados ao grupo os objetivos da atividade. No caso do trabalho realizado pela Ação Educativa junto às escolas, no marco do projeto **Educação e Relações Raciais**, foram apresentados os seguintes objetivos, dispostos em um grande cartaz, que permaneceu fixado na parede da sala durante toda a atividade:

- Discutir e refletir coletivamente sobre os diferentes caminhos (suas possibilidades, limites e riscos) de superação do racismo no ambiente escolar.
- Preparar o “terreno” para a aplicação dos **Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola** e para a construção do *Plano de Ação Escolar* (próximas etapas sugeridas).
- Fortalecer um grupo que será, junto ao *Grupo Guardião*, responsável pela implementação do *Plano de Ação Escolar*, a ser definido pela comunidade escolar após a aplicação dos **Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola**.

Após a apresentação dos objetivos, discute-se com o grupo um conceito de “Diálogo”, que deve ser construído em oposição à ideia de “Disputa pela disputa” de opiniões.

DISPUTA PELA DISPUTA	DIÁLOGO
Parte da certeza de que existe apenas uma resposta e de que você tem a resposta.	Parte da certeza de que as outras pessoas podem ter partes da resposta.
Tenta provar que o lado está totalmente errado. Pode apelar para ofensas.	É colaborativo. Tenta compreender o ponto de vista do outro.

DISPUTA PELA DISPUTA	DIÁLOGO
Procura ganhar o tempo todo.	Procura identificar se há pontos para o diálogo.
Ouve a outra pessoa para achar falhas no que ela defende.	Ouve a outra pessoa para entender o que ela defende.
Defende seu ponto de vista sem ouvir o ponto de vista dos demais.	Traz o seu ponto de vista para ser discutido com o grupo.
Procura somente encontrar as fraquezas na outra posição.	Tenta identificar se há pontos fortes na outra posição.
Tenta encontrar um resultado que esteja de acordo com a sua posição.	Tenta descobrir novas possibilidades e formas de pensar.

O grupo é convidado a discutir esses conceitos, que ficam expostos na parede, e a definir coletivamente suas regras de convivência, que além de reforçar as atitudes favoráveis ao “Diálogo” podem definir regras sobre o desligamento de celulares, o cuidado com a limpeza da sala, horários de intervalo, entre outras.

Em seguida, é apresentada a programação do dia e informações gerais sobre a questão em foco, que vão constituir o chamado “Panorama”. No nosso caso, a questão proposta é: Qual o melhor caminho para avançarmos na superação do racismo em nossa escola?

No “Panorama”, pode-se resgatar o conceito de racismo e de discriminação, os resultados da pesquisa de opinião realizada na escola (o que ela revela e o que não revela) e apresentar dados sobre as desigualdades raciais na sociedade e na educação brasileira e como ela impacta o direito humano à educação de qualidade no país.

Estas informações podem ser obtidas na publicação **Indicadores Relações Raciais na Escola**, que compõe a Coleção, e por meio de outras pesquisas a serem feitas em sites, livros e periódicos (há várias dicas na seção “Para saber mais”, dos **Indicadores Relações Raciais na Escola**). Se possível, é importante agregar informações sobre as desigualdades raciais no município e/ou localidade. Esse momento da atividade, de apresentação do “Panorama”, deve ser conduzido por dois facilitadores e durar no máximo 20 minutos. Deve-se garantir algum tempo para dúvidas, comentários ou complementação de informações por parte dos participantes.

INTRODUÇÃO AOS CAMINHOS

Os facilitadores apresentam ao grupo os três cenários/caminhos. Cada participante deve receber uma cópia do material que será exposto sobre os caminhos. Ao lado de cada caminho, devem-se ter dois campos para

os participantes darem uma nota de 1 a 5 (a nota máxima) para cada um deles. Depois da apresentação inicial dos cenários pelos facilitadores, será pedido para que cada participante dê uma nota para cada um desses caminhos. Ao final do dia, depois dos debates sobre os caminhos, os participantes serão convidados a dar novamente notas para os caminhos.

OS TRÊS CAMINHOS

QUAL O MELHOR CAMINHO PARA SUPERAR O RACISMO EM NOSSA ESCOLA?

- Caminho 1 – Valorização da cultura negra na escola
- Caminho 2 – História africana e afro-brasileira no currículo escolar
- Caminho 3 – Educação antirracista e não discriminatória no cotidiano escolar

Caminho 1 – Valorização da cultura negra na escola

A escola valoriza e destaca a participação das pessoas negras na formação do País. Por isso, celebra datas comemorativas referentes à questão racial, promove festas, danças e outras atividades específicas que afirmam a estética (beleza) negra e a riqueza histórica e cultural africana e afro-brasileira. Dessa forma acredita que oferece informações, melhora a autoimagem, eleva a autoestima da população negra e promove o respeito, a convivência e o reconhecimento por parte de todos(as) com relação à importância da população negra.

PONTOS FAVORÁVEIS DO CAMINHO	PONTOS DESFAVORÁVEIS DO CAMINHO
Se a escola valoriza e dá visibilidade à cultura negra nas datas comemorativas, ela envolve mais estudantes negros que podem se sentir estimulados a participarem mais da vida escolar e a ficarem com orgulho de suas heranças africanas e afro-brasileiras.	Se a escola não discute questões fundamentais como a desigualdade racial, pois apenas exalta a cultura negra sem refletir sobre suas bases históricas, ela acaba não contribuindo para questionar a realidade atual dos negros e as relações sociais entre grupos discriminados e não discriminados.
Se a escola valoriza a cultura negra, ela pode trabalhar por meio de diversos tipos de manifestações tais como a dança, as máscaras, a música, a capoeira, as histórias e as contribuições da língua e alimentação.	Se a escola se preocupa somente com a valorização de aspectos culturais, corre o risco de deixar de lado as formas de luta e de resistências dos negros e das negras que marcam a história do Brasil desde a escravização até hoje.
Se a escola valoriza a cultura negra oferece oportunidade para que toda a comunidade escolar – estudantes, professoras, funcionários, familiares, sejam eles e elas brancos, negros, orientais, indígenas etc. – percebam que os negros e as negras são parte da formação da sociedade brasileira.	Se a escola se preocupa somente com a valorização dos aspectos culturais, pode reforçar a imagem que certas atividades é características são algo típico dos “negros”, o que gera estereótipos e rotulações (por exemplo, os negros são naturalmente inclinados para a dança, festa e futebol).

PONTOS FAVORÁVEIS DO CAMINHO	PONTOS DESFAVORÁVEIS DO CAMINHO
A escola pode incluir em seu planejamento algumas datas comemorativas e trabalhar por meio de projetos em disciplinas (matemática, português, biologia, história, geografia, artes plásticas etc.).	Trabalhar em projetos e algumas disciplinas não significa que na prática haverá a valorização da cultura negra. Para mudar essa situação é preciso que os projetos reflitam sobre as causas das desigualdades raciais e sobre as relações sociais que dão base ao racismo. É importante também estimular brancos, negros, indígenas, orientais, entre outros grupos, a refletirem o seu lugar nas relações sociais.

Caminho 2 – História africana e afro-brasileira no currículo escolar

A escola cumpre o seu papel de tratar os conhecimentos de todas as disciplinas de acordo com orientações legais. Por isso, inclui nas atividades da sala de aula os conteúdos relacionados à história e à cultura africana e afro-brasileira em disciplinas tais como História, Artes, Língua Portuguesa e Geografia. Dessa forma, acredita que ao oferecer mais informações e conhecimentos sistematizados, possibilitará uma visão mais crítica sobre as diferentes realidades, contribuindo para alterar as relações entre as pessoas.

PONTOS FAVORÁVEIS DO CAMINHO	PONTOS DESFAVORÁVEIS DO CAMINHO
Estudar as muitas “Áfricas” permite estabelecer conexões históricas com o Brasil em seus aspectos econômicos, políticos e sociais.	Não há materiais didáticos disponíveis e suficientemente críticos para abarcar a dinâmica das sociedades africanas.
O estudo de história e cultura africana e afro-brasileira pode criar oportunidades para questionar as desigualdades sociais e mostrar a importância de respeitar as diferenças.	Sobre qual África estamos falando? O quê ensinar sobre ela? São questões que não têm uma resposta fácil. A abordagem dos conteúdos históricos pode não dar conta de toda a complexidade e da trama da cultura.
Destacar nas disciplinas questões que mostrem o desenvolvimento e organização das sociedades africanas pode servir para mostrar o quanto já eram avançados, em especial nos séculos XV ao XIX.	Corre-se o risco de trazer para os estudantes uma África de ontem, sem que sirva para compreender as relações atuais com o mundo “globalizado”.
A escola, ainda hoje, é o espaço de aprender os conhecimentos científicos. Todo o currículo deve ser organizado para que as disciplinas possam contribuir com essa tarefa. A busca do conhecimento deve mobilizar a escola a “mergulhar e redescobrir” os povos e as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras.	Os professores e professoras não estão capacitados para este trabalho, por isso, a escola não deve ser o principal espaço educativo para a educação das relações raciais. Este trabalho deve ser feito de forma extracurricular, através de cursos e oficinas, ministrados por pessoas que entendam do assunto.

Caminho 3 – Educação antirracista e não discriminatória no cotidiano escolar

A escola assume explicitamente o compromisso com uma educação antirracista e não discriminatória no cotidiano escolar. Diante disso, dentro de seu espaço, mantém o foco nas interações, nas relações entre as pessoas, nas atitudes e comportamentos, no entorno de gestos e imagens. Dialoga com a comunidade e tenta estabelecer a “ponte” entre o cotidiano escolar e as políticas públicas, buscando caminhos para que as pessoas revejam modos de pensar e agir.

PONTOS FAVORÁVEIS DO CAMINHO	PONTOS DESFAVORÁVEIS DO CAMINHO
Assume explicitamente o compromisso com uma educação antirracista e não discriminatória.	Corre o risco de assumir um discurso que favorece apenas pessoas negras e, com isso, deixa de enfrentar outras desigualdades como a pobreza (condição econômica), o machismo, a discriminação contra homossexuais, nordestinos e pessoas com deficiências, entre outras.
Investe na formação da comunidade escolar para explicitar os caminhos para superação do racismo.	Corre o risco de não envolver as pessoas que não são negras de forma ativa no processo de enfrentamento do racismo, ao reforçar um discurso que pode levar à culpa (“sou um branco opressor?”), à desresponsabilização (“não tenho nada a ver com isso”, “é uma questão estrutural da sociedade”) e ao imobilismo (“me sinto uma formiguinha diante do tamanho do problema”).
A escola está atenta e intervém pedagogicamente nas práticas cotidianas que reproduzem o racismo de diferentes formas.	A escola não tem poder para atuar sobre mecanismos estruturais da exclusão presentes na sociedade. Portanto, não tem como superar a discriminação.
Trata da questão racial como uma questão de importância para todas as pessoas (não somente para grupos discriminados).	Corre o risco de enfraquecer o trabalho nas disciplinas.
Reconhece e valoriza o esforço coletivo e, assim, pode atuar sobre alguns mecanismos estruturais da exclusão. Investe na discussão de conceitos-chave.	Não existem materiais de apoio que apontem caminhos sobre como enfrentar a discriminação no cotidiano.
Busca meios de fortalecer a comunidade escolar para ações cotidianas que possam ser assumidas individualmente ou coletivamente, tais como acompanhar leis e orçamentos e participar de instância de gestão democrática escolar e do município.	Na comunidade escolar as pessoas circulam com seus conhecimentos de mundo e, por mais, que haja formação e discussões, mudar as posturas e as práticas pedagógicas dependem em grande parte de decisões individuais.

PONTOS FAVORÁVEIS DO CAMINHO	PONTOS DESFAVORÁVEIS DO CAMINHO
Busca inserir no seu projeto político pedagógico as maneiras de articular áreas de conhecimento que favoreçam uma perspectiva não discriminatória.	Não há “tempo escolar” e nem condições para esse tipo de trabalho. Os(as) professores(as) não têm formação para discutir essa relação.
Não silencia, esconde ou mascara os conflitos raciais (verbais ou não verbais) que aparecem na escola.	As escolas vivem em função dos currículos impostos pelas avaliações de larga escala e de outros programas governamentais que surgem de “cima para baixo”.
Discute e elabora coletivamente formas pedagógicas de encaminhar os conflitos no regimento, nos materiais didáticos e paradidáticos e no ambiente da escola.	Os(as) professores(as) são sobrecarregados e não têm tempo para o trabalho coletivo, o que geralmente inviabiliza todo e qualquer trabalho nesse sentido.
Promove um olhar crítico a respeito da organização da sociedade brasileira e de suas implicações para a vida na escola, provocando reflexões que possam estruturar ações coletivas e emancipatórias na escola e na comunidade.	É difícil fazer a “ponte” entre a escola e as políticas públicas municipais, estaduais e federais de combate ao racismo. Faltam informações, espaços públicos de discussão e participação.

O DEBATE NOS GRUPOS

Depois da apresentação dos caminhos pelos facilitadores, é garantido um tempo para dúvidas, comentários e questões que precisam ser abordadas de forma mais acessível. Nesse momento, é solicitado que cada participante anote no material que lhe foi entregue qual a nota que daria a cada caminho, sendo 1 (caminho mais frágil) e 5 (caminho mais forte). É explicitado aos participantes que os cenários constituem somente um ponto de partida da discussão e que, ao final do dia, poderão surgir outros caminhos ou a combinação dos existentes.

O grupo, então, é dividido em grupos menores, com apoio de facilitadores, que retomará rapidamente com o grupo os principais conteúdos dos cenários. No pequeno grupo, os participantes são convidados a expressar suas preocupações iniciais com cada cenário, sem que haja discussão com os demais. Em um segundo momento, os participantes são convidados a optar por um cenário e a dialogar com os demais sobre ele. Busca-se chegar a um cenário-síntese para o grupo.

Em um terceiro momento, o grupo é convidado a discutir o que significa concretamente optar por esse cenário-síntese para a escola e o que estão dispostos a fazer e a abrir mão para que o ele se torne realidade. Todos os resultados são sistematizados em cartazes para que possam ser dispostos na plenária final. Antes disso, os facilitadores devem ler para o grupo os resultados, para checar se houve o entendimento correto das decisões do grupo.

Todos os grupos voltam para a plenária e apresentam seus resultados, complementando ou corrigindo os resultados apresentados pelos facilitadores ou outros representantes dos grupos. Abre-se o debate para a discussão sobre o cenário-síntese e os caminhos para viabilizá-lo na escola. Deve-se, também, registrar demandas que se referem às políticas públicas do município, de responsabilidade das Secretarias de Educação ou de outros órgãos e instituições públicas.

Ao final, os participantes são convidados a dar mais uma nota aos caminhos e a comentar o que aprenderam no diálogo com os demais. Os resultados do *Grupo de Diálogo* serão resgatados como mais um subsídio para a construção do *Plano de Ação da Escola*, após a aplicação dos **Indicadores Relações Raciais na Escola**. Como abordado no início deste Guia Metodológico, ao planejar o uso da *Coleção Educação e Relações Raciais*, a escola optará por quais etapas farão parte do processo, considerando suas condições e expectativas. O *Grupo de Diálogos* pode se constituir em mais um momento de formação e fortalecimento de um grupo comprometido em atuar de forma mais sistemática em estratégias de superação do racismo e de outras discriminações presentes na escola.

6. AUTOAVALIAÇÃO PARTICIPATIVA



OS INDICADORES RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Adinkra: ENTENDIMENTO E ACORDO

Os *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* integram a *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. Eles também fazem parte da série de publicações **Indicadores da Qualidade na Educação**, composta pelos *Indicadores de Ensino Fundamental* (2004) e *Indicadores de Educação Infantil* (2009)¹.

Os *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* foram desenvolvidos em decorrência da complexidade e da magnitude da desigualdade racial na educação brasileira e de seus efeitos no cotidiano escolar e na garantia do direito humano à educação de qualidade para todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos do país. Constituem um instrumento de autoavaliação escolar bastante flexível que pode ser utilizado e adaptado de acordo com a criatividade, a experiência, as condições e a realidade de cada escola e ser articulado ao uso dos outros *Indicadores (Ensino Fundamental e Educação Infantil)*.

A publicação é composta por dimensões e perguntas que contribuem para que a comunidade escolar, reunida em plenárias e grupos de trabalho, diagnostique quais os desafios para a superação do racismo na escola e para a implementação da LDB alterada pela Lei 10.639/2003 e apresente ideias e propostas para um *Plano de Ação Escolar*.

O grupo guardião pode prever a aplicação dos *Indicadores* como uma etapa prévia à construção do *Plano de Ação Escolar*. O uso dos *Indicadores* pela comunidade escolar deve ter início com a apresentação dos resultados das atividades e dos momentos anteriores impulsionados pelo *Grupo Guardião*, como a caracterização da escola, a pesquisa de opinião e os Grupos de Diálogo (caso estes tenham sido realizados). Mais uma vez, lembramos que cada escola pode fazer uma combinação própria dessas metodologias, entre outras propostas, conforme os acúmulos, os desafios, as condições e o tempo disponível para o desenvolvimento do processo de uso coletivo da *Coleção Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*.

Periodicamente – de um a dois anos – os *Indicadores* podem voltar a serem utilizados para verificar a implementação do *Plano de Ação* e os avanços da escola na superação do racismo. Dessa forma, poderão ser afinadas e aprimoradas ações e estratégias da escola, assim como o levantamento

¹ Disponíveis para acesso público e gratuito em www.indicadoreseducacao.org.br.

de demandas para as políticas públicas, a ser entregue formalmente pelo Conselho Escolar e/ou por outras instâncias escolares e organizações de sociedade civil às Secretárias e Educação e a outros órgãos públicos.

DIMENSÕES DOS INDICADORES RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Os *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* são compostos por sete dimensões:

- 1. Relacionamentos e atitudes** – Essa é a dimensão que introduz e concretiza, por meio de perguntas aos(as) participantes, o que significa abordar as relações raciais no cotidiano escolar em seus diferentes aspectos.
- 2. Currículo e prática pedagógica** – Essa dimensão estimula discussões sobre quais perspectivas e conteúdos a escola prioriza nos processos de ensino-aprendizagem e como eles são abordados junto aos alunos no sentido de promoverem uma escola mais sintonizada com a realidade, com a diversidade de saberes, de experiências, de histórias e estéticas, bem como com a igualdade racial e com os direitos humanos.
- 3. Recursos e materiais didáticos** – O foco dessa dimensão é a existência, o acesso, o uso e a organização de recursos e materiais didáticos que apoiem processos pedagógicos comprometidos com o ensino da história e da educação brasileira, bem como a educação das relações raciais, prevista na LDB alterada pela Lei 10.639/2003 e em suas diretrizes.
- 4. Acompanhamento, permanência e sucesso dos(as) estudantes na escola** – Essa dimensão problematiza as condições da escola para garantir a permanência e o sucesso de todos os seus estudantes na aprendizagem, em especial dos(as) alunos(as) negras(as) e de outros grupos social e historicamente discriminados.
- 5. A atuação dos(as) profissionais de educação** – Essa dimensão chama a atenção para o papel fundamental dos(as) profissionais da educação na construção de uma educação antirracista e não discriminatória. Apresenta questões que estimulam a reflexão dos(as) profissionais sobre suas concepções de relações raciais e de como elas impactam o cotidiano escolar.
- 6. Gestão democrática** – Essa dimensão traz um conjunto de questões que partem do entendimento de que o desenvolvimento de uma gestão democrática “pra valer” anda de mãos dadas com o reconhecimento e a valorização efetiva da diversidade na escola. Faz perguntas que provocam a escola a refletir sobre até que ponto seus processos e condições estimulam e garantem a participação da comunidade escolar e quais os mecanismos que operam contra isso.
- 7. Para além da escola** – Essa dimensão estimula a escola a refletir sobre o fato de que o avanço na garantia do direito humano à educação passa por sua maior articulação com a comunidade do entorno, com os

movimentos sociais – entre eles, os movimentos negros – e com outras instituições, setores governamentais e grupos que devem compor a rede de proteção dos direitos da criança e do adolescente. Prevista em 1990, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a rede deve ser composta por conselhos tutelares, unidades de saúde, serviços de assistência social, sistema de justiça etc.

Cada uma dessas sete dimensões do material reúne um conjunto de *Indicadores*. Cada um delas é composto por duas partes: um pequeno texto que explica o que ele é e um grupo de perguntas bem concretas para estimular o debate da comunidade escolar, que estará reunida para avaliar os desafios da escola e, posteriormente, para construir um plano de ação.

Para facilitar a avaliação, sugere-se que as pessoas atribuam cores às perguntas contidas em cada um dos *Indicadores*. As cores simbolizam a avaliação que é feita: se a situação é boa ou satisfatória, coloca-se a cor verde; se é média, coloca-se a cor amarela; se é ruim (ou há um grande caminho ainda a ser trilhado), a cor é vermelha.

MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE

A mobilização da comunidade escolar (estudantes, familiares, profissionais de educação, integrantes de organizações comunitárias etc.) para participar da avaliação é um ponto-chave de todo o processo. Quanto mais pessoas dos diversos segmentos se envolverem em ações para a melhoria da qualidade educacional, maiores serão os ganhos para crianças, adolescentes, jovens e adultos que estudam; maiores serão os ganhos para a escola, a sociedade e a educação do país. O uso dos *Indicadores* pode fortalecer os vínculos entre escola e a comunidade do entorno.

É muito importante que todos os segmentos da comunidade sejam convidados a participar, e não somente aqueles mais atuantes no dia a dia da escola. O *Grupo Guardião*, responsável pela preparação da escola para avaliação, deve usar a criatividade para mobilizar pais, mães e outros responsáveis, professores(as), funcionários(as), conselheiros(as) tutelares e da educação, além de outras pessoas, grupos e instituições da comunidade.

Cartas e bilhetes para os familiares, faixas na frente da instituição, divulgação no jornal, no transporte público, na rádio e TVs locais, nas redes sociais e em diferentes espaços da internet, além da discussão da proposta com crianças, adolescentes, jovens e adultos, são algumas das possibilidades. Especial atenção deve ser dada ao convite para que grupos e organizações locais, entre elas as do movimento negro, participem do processo.

A COMPREENSÃO COLETIVA DOS OBJETIVOS

É importante que todos(as) participantes entendam os objetivos dos *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* e também os principais conceitos utilizados nele. Uma explicação sobre a atividade a ser realizada, sobre o conteúdo e sobre os objetivos deste trabalho na escola é um bom caminho. Nesse momento, pode ser utilizado o **DVD 1 – Educação e relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar**.

É recomendável uma reunião prévia com professores(as), diretores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as) e funcionários(as) para discutir o papel deles no processo. A preparação desses(as) profissionais(as) de educação ajuda na tarefa de explicar aos demais, no dia da avaliação, termos e assuntos que não sejam do conhecimento de todos(as). O envolvimento de familiares e ativistas que atuam no campo da igualdade racial também pode contribuir muito com o desenvolvimento do trabalho.

A leitura atenta da publicação *Indicadores* e a exibição do **DVD 1 – Educação e Relações Raciais** e do **DVD 2 – Diálogos Brasil e África do Sul**, da Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*, são fundamentais no processo formativo e preparatório do grupo, além da leitura de outros materiais que podem se constituir em subsídios.

A duração do processo de utilização dos *Indicadores* é variada. Pode ser feita de forma concentrada, em um ou dois dias; pode ser distribuída em um conjunto maior de dias; ou ainda pode ocorrer por meio de encontros periódicos realizados ao longo de seis meses. O importante é planejar o começo e o fim do processo e estabelecer um prazo para que a avaliação seja concluída e dela resulte a construção coletiva de um plano de ação, composto por metas viáveis para enfrentar o desafio e alterar a situação identificada.

Uma exposição para iniciar os trabalhos de uso dos *Indicadores* – por meio de cartazes, murais, quadros, retroprojektor ou computador– pode ajudar todos(as) participantes a compreenderem o objetivo dos *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* e quais serão os passos para a realização da avaliação.

O Grupo *Guardião* encontrará orientações detalhadas de como organizar o processo de uso dos *Indicadores* na introdução da publicação, que se encontra na maleta da Coleção *Educação e Relações Raciais*, disponível nos sites: <www.acaoeducativa.org.br>; <www.indicadoreseducacao.org.br>; <www.unicef.org.br>; <www.mec.gov.br>; <www.seppir.gov.br>.

7. O MAPA DA MINA



ACÚMULOS, MEMÓRIAS E TESOUROS

Adinkra: INTELIGÊNCIA

A expressão *Mapa da Mina* remete à busca de tesouros escondidos em histórias de aventura. Achar o mapa e decifrar os sinais que indicam as pistas pode levar ao encontro de um valioso tesouro. O tesouro sempre desejado aparece de diferentes maneiras: um baú repleto de moedas antigas, pepitas de ouro ou pedras preciosas, uma fórmula poderosa, um objeto de muita estimação para alguém ou, ainda, a revelação de um segredo importante para uma comunidade. De qualquer forma, uma coisa é certa: o tesouro existe e encontrá-lo exige um bom esforço, a começar por encontrar o *Mapa da Mina*. E mais: nem sempre achar o tesouro é o fim da história, pelo contrário, pode significar o ponto de partida de uma nova jornada.

Como no caso do uso da *Coleção Educação e Relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar*, aqui, ao se tomar emprestada a ideia do *Mapa da Mina*, o que se pretende é afirmar que, para a organização de um plano de ação da escola, *raramente se parte do nada*. É necessário conhecer o histórico de trabalho com relações raciais na escola: o que já se fez, quem fez e quando se fez?

O *Mapa da Mina* é o ponto de partida para se chegar aos acúmulos da escola relativos à educação das relações étnico-raciais. Pode-se, também, identificar outras experiências com potencial para a promoção da igualdade racial na escola, como projetos com diversos fins: elaboração de biografias de pessoas da comunidade; levantamento da história local e dos conhecimentos das pessoas idosas; pesquisa da história da ciência e de várias formas de se viver a matemática no cotidiano; produção cultural juvenil e de outros grupos que vivem no entorno da escola; etc.

Ao levantar esses outros projetos, a escola deverá, necessariamente, responder a pergunta: Como utilizá-los na perspectiva da educação das relações raciais e na superação do racismo e de outras discriminações? A proposta visa a estimular a reflexão e o uso intencional dos projetos para esse fim.

Nesse momento, é enorme a importância do *Grupo Guardião* na escola. Como citado no capítulo deste Guia Metodológico, o próprio Grupo Guardião pode fazer um levantamento das experiências e acúmulos da escola, o chamado *Mapa da Mina*, na etapa de preparação do processo de uso da *Coleção Educação e Relações Raciais*. Ele também pode transformar o *Mapa da Mina* em um momento mais amplo e coletivo, estimulando estudantes, profissionais de educação e familiares na busca dessas memórias, experiências e acúmulos da escola e da comunidade do entorno.

A tarefa também pode ser feita por etapas e, ao longo, de um determinado tempo. O importante é que desapareça da escola a impressão de que não existe nada nem ação nenhuma voltada para a promoção da igualdade racial na escola ou que possa ser utilizada para esse fim. Em muitas ocasiões, usamos estratégias diversas e sem intencionalidade e, ao pararmos para refletir, elas são muito potentes para alavancar a discussão.

No momento de planejar o desenvolvimento dessa etapa, é fundamental que a escola seja sensibilizada para sair em busca de ações já realizadas ou em curso. Muitas vezes, as memórias estão com famílias, estudantes, professores(as), coordenação, direção ou equipe técnica. O *Grupo Guardião* pode começar relatando algumas ações mais recentes da escola e, com isso, provocar o exercício de ampliar a busca para atividades realizadas no passado.

É fundamental lembrar de registrar essas descobertas na “Parede da Memória e dos Tesouros” da escola, conforme explicado na Seção referente ao *Grupo Guardião*.

Durante essa etapa, pode-se descobrir que já existiram projetos que não mais acontecem na escola. Se possível, cabe ao *Grupo Guardião* estimular a busca de pessoas ou instituições que foram, na época, responsáveis pelas ações. Também pode acontecer que estudantes se lembrem de nomes de professores(as) mais atuantes em relação à temática, e, nesse caso, vale uma conversa com esses sujeitos.

Durante o levantamento de informações, é interessante atentar para a participação de profissionais da secretaria, merendeiras(os) e porteiros(as) quando dizem de lembranças de atividades que, de alguma maneira, movimentaram a escola em determinado momento. Investigar é a palavra-chave! Outro ponto importante é a busca de registro das ações junto à direção e à coordenação pedagógica, tanto em forma de relatórios, fotografias, filmagens, como em algo similar. Algumas ações em decorrência de cursos ou de projetos de curta e média duração vinculados a programas governamentais ou a organizações não governamentais resultam em registros importantes e, às vezes, esquecidos.

Sabendo da dinâmica das escolas brasileiras, decorrente em grande parte da falta de condições adequadas de funcionamento, nem sempre os(as) professores, a direção e a coordenação pedagógica ocupam o mesmo lugar por muito tempo, o que geralmente tem efeito sobre a continuidade de muitos projetos. Pode acontecer de a atividade perder força com a ausências da(s) pessoa(s) que a impulsionava(m), seja porque quem “tocava” se aposenta, seja porque muda de unidade escolar ou de setor.

Nesse sentido, as reuniões de planejamento da equipe pedagógica devem ser fortalecidos como espaços privilegiados para a socialização dos acúmulos e para o envolvimento de outras pessoas na continuidade de experiências importantes para a escola.

Com o objetivo de ampliar ao máximo o levantamento de informações, o *Grupo Guardião* pode mobilizar grupos de estudantes que tenham sempre em mãos um bloco de anotações, gravador e máquina fotográfica. Quando se está em busca de tesouros, a notícia “anda de boca em boca” e sempre chegam narrativas e memórias de tempos mais remotos ou recentes de atividades acontecidas na escola com o maior ou menor envolvimento da comunidade escolar.

Também é importante observar com cuidado as paredes da escola, os depósitos e arquivos. Nesses lugares podem ser encontrados resquícios, maquetes, figurinos de teatro, partes de exposições que dizem respeito a atividades ocorridas. Dentro de um plano de ação a ser elaborado, muitas delas podem ser repensadas ou retomadas com acompanhamento e avaliação.

Feito o levantamento de experiências, que pode não se esgotar num primeiro momento, cabe ao *Grupo Guardião* “puxar” a sistematização do tesouro e organizar uma apresentação para toda a comunidade escolar. Ao analisar o conjunto das experiências, com participação de mais pessoas de diferentes segmentos, o Grupo pode organizar uma linha do tempo na “Parede das Memórias e dos Tesouros” que apresente as experiências da escola e, paralelamente, fatos que ocorreram na época na escola, no município, estado ou país.

Nessa linha do tempo, podem ser incluídos os marcos legais locais, estaduais ou nacional comprometidos com a garantia do direito humano à educação e à superação do racismo e das discriminações, e a valorização da diversidade e dos direitos humanos na escola e na sociedade.

Por último, vale à pena destacar que muitas experiências importantes sobre educação e relações raciais, assim como outras que visam à superação de discriminações no ambiente escolar, ainda são desenvolvidas de forma solitária ou por pequenos grupos com pouco ou nenhum apoio da escola, por diversas razões.

Muitas dessas experiências foram ou são desenvolvidas por profissionais de educação, familiares, lideranças comunitárias e estudantes que atuam no movimento negro e em outros movimentos sociais. É importante reconhecer publicamente o papel dessas pessoas e desses coletivos na construção de uma educação antirracista e não discriminatória e “enraizar” seus acúmulos no conjunto da escola.

8. PLANEJAR E AGIR



Adinkra: PERSEVERANÇA, COMPROMISSO

Para ver concretizado um projeto de mudança, é preciso planejar. O planejamento nos ajuda a definir e organizar as atividades que colocaremos em prática para alcançar nossos objetivos, a decidir quais serão as pessoas responsáveis por essas atividades e a prever o tempo necessário para sua execução.

O primeiro passo num planejamento é saber o que queremos alcançar. Em seguida, o que faremos para alcançar os objetivos e, então, de quais recursos (se financeiros, humanos, materiais, entre outros) precisaremos para colocar nosso plano em ação. No caso deste trabalho, nosso principal objetivo é construir uma escola de qualidade que supere o racismo. É importante identificar também as forças e fraquezas da escola para enfrentar esse desafio, ou seja, aquilo que reforça uma ação e aquilo que pode dificultá-la. As forças têm de ser potencializadas, e as fraquezas, controladas.

Para dar início ao Plano de Ação da Escola, é importante resgatar coletivamente os momentos e os resultados de cada um dos momentos anteriores desenvolvidos como parte do processo de uso da Coleção Educação e Relações Raciais (Pesquisas, Grupos de Diálogos, aplicação dos Indicadores, Mapa da Mina e/ou outras atividades diversas). É importante que todas as pessoas tenham nítida a trilha escolhida e percorrida pela escola para chegar à construção do Plano.

Com o objetivo de elaborá-lo, é hora de agendar um dia específico com toda a comunidade escolar para o resgate do processo e o levantamento das prioridades e principais ações a serem desenvolvidas. O detalhamento da operacionalização das ações poderá ser realizado posteriormente em um coletivo menor, constituído pelo *Grupo Guardião*, Direção, Coordenação Pedagógica, Conselho Escolar, Grêmios Estudantil e outras instâncias e grupos da escola, e divulgado de diferentes formas: nos murais, nas reuniões e encontros, nos meios de comunicação existentes, entre outros. É fundamental que os(as) profissionais de educação, estudantes e familiares conheçam e se apropriem do planejamento e da responsabilidade de cada um para sua concretização.

As prioridades do Plano de Ação deverão estar vinculadas de alguma forma aos três vértices do triângulo: valorização das culturas africanas e afro-brasileiras; currículo contextualizado, plural e significativo (dentro e fora da sala de aula); educação antirracista e não discriminatória (atitudes e relações no cotidiano). É importante que as ações também se vinculem

ao fortalecimento do “centro” do triângulo: uma gestão escolar ampla, diversa e democrática.

Difícilmente um planejamento termina do mesmo jeito que começou. Há coisas que acontecem como o previsto, e outras nem tanto. Isso não quer dizer que o planejamento não deu certo, mas sim, que ele exige acompanhamento e avaliação. *Assim, é preciso estar atento, alterando o que está dando errado e observando o que muda para melhor.* Nesse sentido, reuniões periódicas ajudam a verificar se as ações estão acontecendo como foram planejadas e no tempo determinado anteriormente.

Uma boa verificação de resultados normalmente leva aos *Indicadores*. No caso deste plano de ação, que visa à melhoria da qualidade da educação, contamos com os Indicadores Relações Raciais na Escola apresentados aqui. Então, para avaliar se as ações planejadas estão solucionando os problemas detectados nas dimensões discutidas, pode-se recorrer ao uso deste instrumental a cada um ou dois anos, por exemplo. Se as cores que a comunidade escolar atribui a eles estiverem melhorando, o plano de ação estará surtindo efeito. Nesse caso, as cores devem passar do vermelho para o amarelo ou do amarelo para o verde.

Sugerimos que os painéis com as cores que trazem a dimensão e os indicadores sejam expostos em local visível na escola. Assim, toda a comunidade acompanhará a mudança dos sinais de qualidade da escola à medida que o plano de ação for executado. Outra sugestão é a de que o Plano de Ação não seja constituído por uma *lista* extensa de metas, mas por um conjunto de metas viáveis de serem implementadas (em curto, médio e longo prazo).

Como parte do monitoramento e da avaliação da implementação do Plano de Ação, é fundamental também identificar os passos dados e comemorar e visibilizar coletivamente os avanços cotidianos alcançados. Isso alimenta a confiança, o trabalho coletivo e a capacidade de persistir no desafio em prol de uma mudança profunda na escola e na sociedade, nas quais o racismo e as discriminações virem coisas do passado.



9. A BOLA NÃO PODE CAIR

Adinkra: SABEDORIA, INTELIGENCIA, PACIÊNCIA

Como vimos, diversas são as possibilidades para se desenvolver um trabalho sistemático que supere o isolamento e a fragmentação de muitas experiências que abordam os desafios de superação do racismo e de outras discriminações no ambiente escolar. Experiências que, muitas vezes, enfrentam resistências explícitas e silenciosas, bem como dificuldades nas escolas e nas políticas públicas. Apresentamos nesse Guia Metodológico algumas dessas possibilidades – a serem impulsionadas pelo *Grupo Guardião* e sustentadas por ele e por outras instâncias escolares – mas outras tantas poderão ser propostas, inventadas e compartilhadas pelas escolas.

Nossa aposta está centrada no investimento em metodologias participativas e no fortalecimento de uma gestão democrática que situe a problemática das desigualdades, racismos e discriminações no grande desafio do país referente à melhoria da qualidade da educação e à garantia efetiva do direito humano à educação para todas as pessoas. Como abordado na Introdução da publicação *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola*, o impacto do racismo na qualidade educacional é muito maior e mais profundo do que alcança o predominante debate sobre a política educacional.

Vale à pena reforçar mais uma vez que, no que se refere às mudanças almeçadas, há desafios e demandas que estão sob governabilidade da escola e há outras que exigem políticas públicas consistentes, coordenadas, contínuas e com financiamento adequado, implementadas por governos municipais, estaduais e federal, por universidades e por outras instituições públicas.

É por meio da maior articulação entre o trabalho da escola e as políticas educacionais que se pode acelerar o enfrentamento das desigualdades, dos racismos e discriminações na educação brasileira. Por isso, mais uma vez, destacamos a importância do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, de 2009.

TODOS OS CANTOS DA ESCOLA

A proposta metodológica da *Coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* está comprometida em afirmar que a responsabilidade de superação do racismo é de toda a so-

cidade e é também de todos(as) que compõem a comunidade escolar. Por esse motivo, essa proposta visa ao engajamento de mais gente com esse desafio.

Um assunto que tem que ser abordado em sala de aula como parte do currículo, mas deve ser visto também como uma questão que permeia todos os momentos (reuniões pedagógicas, conversas, festas, férias, encontros etc.) e “cantos” da escola:

- o pátio (com suas brincadeiras, afetos, agressões, descobertas, regras etc.);
- a secretaria escolar (que preenche com as famílias o quesito cor/raça do Censo Escolar, orienta e reúne os dados educacionais);
- os refeitórios e a cozinha gerida pelas merendeiras;
- as salas dos professores, da coordenação pedagógica e da direção escolar;
- e até os banheiros da escola, que podem ser espaço de autocuidado, de conversas, de cumplicidade, como também de discriminações e violências contra aqueles e aquelas considerados “diferentes e inferiores”.

Que tipos de ação podem ser desenvolvidos pensando nesses diferentes espaços da escola? Essa é uma questão que também pode ser abordada no Plano de Ação e em seus desdobramentos.

Para que todo esse processo coletivo se enraíze mais na escola, é fundamental que ele esteja articulado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) e ao Regimento Escolar. Toda escola deve ter um PPP e um Regimento Escolar. O PPP é o documento que estabelece as metas da escola com relação à melhoria da qualidade de ensino e aos meios para alcançá-la. Nele, são explicitados também os caminhos para estreitar a relação com famílias, estudantes e comunidade, com dados educacionais da escola e com diretrizes pedagógicas. O Regimento Escolar, por sua vez, define as regras de funcionamento da escola (administrativas, pedagógicas e disciplinares), abordando os direitos e deveres de todas as pessoas para uma convivência escolar democrática. Estes dois documentos adquirem mais sentido quando elaborados a partir de processos participativos com a comunidade escolar.

É fundamental que o PPP e o Regimento Interno explicitem a superação do racismo e de outras discriminações como princípio e meta e que sejam previstas estratégias pedagógicas de enfrentamento de tais problemas no cotidiano, na perspectiva da educação antirracista e não discriminatória.

UMA MUDANÇA PROFUNDA: DE DENTRO PRA FORA, DE FORA PRA DENTRO

Reeducar-se, educar outras pessoas e construir novas relações sociais pautadas pela igualdade na diferença é um desafio permanente que exige persistência e disposição para: assumir dúvidas; aprender com erros e com os(as) outros(as); rever concepções, posturas e procedimentos arraigados; descobrir novas perspectivas e possibilidades; e construir coletivamente caminhos e alianças a partir de compromissos políticos.

Todo esse processo significa ter consciência de que quando falamos de racismo e discriminações, não estamos falando de estatísticas ou situações abstratas ou “naturais”. Estamos falando da dor, do sofrimento, da angústia, da negação de direitos, da exclusão gerados por relações sociais desiguais. Estamos falando de gente!

Em uma sociedade historicamente tão tolerante para com as desigualdades, essa é uma grande tarefa, na qual a escola brasileira – com todas as suas dificuldades, contradições, desafios, acúmulos e possibilidades – ocupa um lugar estratégico. Há muitas “sementes nas mãos”. Há muitas pessoas construindo novos caminhos que devem servir como referência e inspiração para a tarefa que se coloca do cotidiano às políticas públicas. Há muitos “tesouros” nas escolas, nas comunidades, nos movimentos negros e em outros movimentos sociais, nos grupos culturais, nas universidades, nas cidades e no campo e em outros tantos lugares que podem ser descobertos ou redescobertos e fazer a diferença na vida de milhões de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, indígenas, migrantes, ciganos e de outros grupos que enfrentam as várias faces do racismo em nosso país. É possível transformar essa situação de forma mais acelerada, se mais gente se envolver com ela!



ANEXO 1

POSSIBILIDADES DE USO DOS DVDS: EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS

Os dois DVDs que compõem a Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar* são “Educação e Relações Raciais: apostando na Participação da Comunidade Escolar” e “Diálogos Brasil e África do Sul”. A partir deles, podem ser propostas diversas atividades na escola, como pesquisas, exposições, entrevistas e debates com estudantes, familiares, profissionais de educação, moradores da comunidade do entorno, entre outros grupos.

O primeiro filme tem duração de 16 minutos e foi construído com linguagem de animação. Trata dos desafios envolvidos no enfrentamento do racismo e caminhos para uma abordagem mais sistemática do problema nas escolas. Tem um caráter introdutório à questão racial e apresenta as bases da metodologia do Coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*. É um material de apoio a processos de sensibilização de estudantes, profissionais de educação e familiares sobre a importância de uma ação planejada e articulada no ambiente escolar e na comunidade.

O segundo filme “Diálogos Brasil e África do Sul” tem duração de 58 minutos. O seu foco é o lugar da agenda racial nas políticas educacionais no Brasil e na África do Sul, dois países marcados por democracias recentes e históricas e profundas desigualdades raciais. A partir de entrevistas com gestores(as), pesquisadores(as) e ativistas dos dois países, o documentário explicita os desafios colocados para o campo das políticas públicas. O filme é um material mais complexo e adensado, que pode ser utilizado na íntegra ou em capítulos (Introdução, Brasil, África do Sul) em debates com a comunidade escolar, em processos de formação ou em horários de trabalho coletivo de profissionais de educação.

Apresentamos, a seguir, algumas sugestões de atividades, que podem ser incrementadas e ganhar novas possibilidades com a criatividade e os acúmulos de cada escola. As atividades devem ser adaptadas segundo a faixa etária dos(as) alunos(as) e podem ser articuladas a outras atividades e momentos propostos neste Guia Metodológico.

I. ATIVIDADE COM ESTUDANTES

Conforme o tempo disponível, a proposta a seguir pode ser desenvolvida por meio de vários encontros com a turma.

a) Exibir o DVD 1 (16 minutos)

b) Preparação para o trabalho em grupo

Perguntar aos estudantes o que eles acharam da animação. Em seguida, retomar ao vídeo, para propor o debate sobre o racismo na nossa sociedade e na escola: Wendell, um dos personagens, aponta que o que mais lhe chama atenção no Brasil é a diversidade do país e, ao mesmo tempo, lamenta quando essas diferentes formas de “ser” são utilizadas para colocar alguns grupos como melhores do que outros. Jéssica, sua colega de escola, dá exemplos de como essas diferenças são transformadas em desigualdades, discriminação e racismo.

Após a exibição do filme, propor a divisão da turma de estudantes em pequenos grupos para discutir como tais situações ocorrem no cotidiano escolar e na sociedade.

c) Formação dos grupos de trabalho

Explicar aos estudantes que o trabalho será desenvolvido ao longo de quatro semanas e que, semanalmente, haverá um momento em sala de aula para que eles se reúnam, planejem e desenvolvam as atividades. Dividir a turma de alunos(as) em quatro grupos:

- **Comunicação** – Esse grupo tem o objetivo de elaborar um roteiro de perguntas e fazer entrevistas com alunos(as), profissionais da escola e famílias sobre como o racismo e outras discriminações aparecem na escola, na comunidade e na família. Após a realização das entrevistas, o grupo deve elaborar uma matéria sobre o tema, que será lida em sala de aula e divulgada aos colegas por meio de jornal mural, boletins, vídeos, entrevistas, programas de rádio e/ou do *blog* da escola etc.
- **Trabalho de Campo** – O grupo terá o desafio de escolher um local público (exemplo: feira, clube, *shopping*, igreja, balada, universidade, praça etc.) e fazer um trabalho de campo de observação sobre o ambiente em questão. A pesquisa de campo é orientada pelas perguntas: Que tipo de pessoas frequenta esse espaço? O que elas fazem lá? Como elas se vestem? Como aparecem as diferenças? Quais dessas diferenças parecem ser mais valorizadas?

Após o trabalho de campo, o grupo elaborará um painel com o tema “Diversidade” para apresentar para o grupo da escola.

- **Histórias** – O grupo terá o desafio de fazer uma pesquisa sobre biografias de personalidades negras, tendo como ponto de partida os nomes que aparecem no vídeo: Luiza Mahin, Machado de Assis, Carolina de Jesus, João Candido, Lélia Gonzalez e Milton Santos. Se possível, podem pesquisar, além dessas personalidades reconhecidas nacionalmente, referências locais, como ativistas, pesquisadores(as) e lideranças comunitárias. Pesquisas sobre pessoas negras que deram nome a ruas, avenidas, praças, escolas e a outros equipamentos públicos do bairro e da cidade também podem ser estimuladas. Além de biografias de pessoas, pode-se pesquisar a história de coletivos e movimentos negros e de outros movimentos sociais da região ou do município que atuam ou atuaram na luta contra o racismo e de outras desigualdades sociais. É importante refletir com o grupo de trabalho o que é valorizado e o que não é valorizado por uma sociedade e a importância de várias pessoas, grupos e movimentos sociais, muitas vezes “anônimos”, na conquista de direitos e na construção da cidadania em nosso bairro, cidade, estado ou país.
- **Conceitos** – O grupo pode desenvolver uma pesquisa sobre os conceitos de raça, racismo, preconceito, discriminação e estereótipo. Posteriormente, fazer uma busca sobre como esses conceitos aparecem no cotidiano e podem nos ajudar a compreender melhor notícias de jornal, revista e internet, livros ou depoimentos de colegas da escola. Para finalizar, os estudantes devem colocar os conceitos-chave em cartazes para serem expostos na escola.

d) Produção de texto

Os(as) alunos(as) serão convidados(as) a escrever uma poesia/comentário/história/opinião/letra de música (ritmo afro-brasileiro: rap, funk, samba etc.) individual ou coletivamente sobre o tema e as descobertas ao longo da pesquisa que realizaram.

e) Apresentação dos grupos de trabalho e das produções literárias/artísticas

Em um encontro que pode envolver outras turmas da escola ou segmentos da comunidade escolar, os(as) alunos(as) deverão fixar nas paredes todos os materiais dos grupos de trabalho e expor os principais resultados de cada um. Serão convidados a apresentarem também suas produções literárias e artísticas. Todos esses materiais podem alimentar ações, projetos e planos de aula, serem expostos na “Parede da Memória e dos Tesouros” da escola (abordada na seção *Grupo Guardião* deste Guia Metodológico) e apresentados em diferentes eventos das escolas.

II. ATIVIDADE COM EDUCADORES E EDUCADORAS

Convidar profissionais da educação a refletirem sobre os três caminhos apresentados no DVD 1 para abordagem da educação das relações raciais na escola. Pode-se articular com as propostas colocadas para o Grupo de Diálogos.

a) Organização dos(as) educadores(as) em três grupos:

- Caminho 1: Valorização da Cultura e Estética Negra na Escola,
- Caminho 2: Inclusão da História Africana e Afro-brasileira no Currículo Escolar,
- Caminho 3: Educação anti-racista no ambiente escolar.

b) Leitura

- Distribuir para os três grupos os textos da Lei 10.639/2003¹ e da Resolução 01/2004 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana², e que alteraram o texto da LDB /1996, propondo que leiam essa legislação em voz alta.
- Distribuir para cada um dos três grupos trechos do Parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana³, aprovado em 10 de março de 2004 pelo Conselho Nacional de Educação e elaborado pela professora doutora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.
 - Caminho 1: Trecho do Parecer com o subtítulo Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização, de Ações Afirmativas.
 - Caminho 2: Trecho do Parecer com o subtítulo História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.
 - Caminho 3: Trecho do Parecer com o subtítulo Educação para as Relações Étnico-raciais.

Tanto os três caminhos no vídeo como os textos são elementos disparadores para a discussão em grupo.

c) Pensando currículo e práticas pedagógicas

OBSERVAÇÃO: Preguar um cartaz na parede com a frase que consta no DVD 1: “Ir além do conteúdo, mexer com a cabeça e pensar mudanças de práticas e atitudes”.

- Cada grupo é convidado a identificar o que já existe na escola com relação ao seu eixo/caminho, considerando os elementos apontados no vídeo e

1 Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm>. Acesso em: 20 out. 2013.

2 Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/reso12004.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

3 Disponível: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnepc_003.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

no trecho do Parecer, e a construir novas propostas. Os principais pontos da discussão e as propostas devem ser sistematizados em cartazes.

- Os grupos apresentam seu eixo/caminho, introduzem a discussão sobre o trecho do Parecer que lhe foi atribuído e as respectivas propostas.
- O(a) facilitador(a) da atividade sistematiza em cartazes os resultados dos três grupos.
- Os participantes discutem o conjunto das propostas dos três grupos e planejam como as ações serão realizadas de forma integrada na escola, envolvendo outros segmentos da comunidade escolar: estudantes, famílias, alunos(as), funcionários(as) etc.

DIÁLOGOS BRASIL E ÁFRICA DO SUL

O filme é dividido em três partes: Introdução, Brasil e África do Sul. Podem ser desenvolvidas atividades que utilizem o material em sua íntegra ou somente um dos trechos.

ATENÇÃO: O vídeo é voltado para a formação de professores e estudantes de Ensino Médio. Conforme o grupo, é recomendável que seja exibido por partes, em razão da densidade da discussão.

I. ATIVIDADES COM ESTUDANTES

a) Exibir o trecho “Introdução” (6 minutos)

Solicitar que ao longo da exibição do trecho, os(as) estudantes façam anotações sobre elementos que consideraram importante na introdução: imagens e narrativas.

b) Abrir para discussão

Deixar que os(as) alunos apresentem suas opiniões e, posteriormente, convidá-los(as) para um trabalho de um bimestre sobre os conteúdos abordados.

c) Provocando o potencial pesquisador

Dividir o grupo de estudantes em três:

Grupo de Trabalho 1: Diáspora Negra

Explicar que Diáspora é quando as pessoas se espalham pelo mundo. Logo, Diáspora Negra são os(as) Africanos(as) e seus descendentes espalhados pelo mundo.

Grupo de Trabalho 2: Brasil

Grupo de Trabalho 3: África do Sul

d) Atividades

- *Grupo de Trabalho 1:* Fazer uma pesquisa sobre a escravidão moderna (iniciada no século XV) que retirou milhares de africanos de seu continente e os espalhou pelo mundo. Com o foco no Brasil, abordar as formas de resistência criadas por africanos(as) escravizados(as) que foram trazidos(as), ao longo desse processo, para o país. Identificar duas pessoas (um homem e uma mulher), um grupo ou um movimento social da Diáspora Negra e falar da importância deles e delas para a luta contra o racismo no mundo.
- *Grupo de Trabalho 2:* Fazer uma pesquisa sobre o movimento negro brasileiro no processo de redemocratização do país e as conquistas relacionadas às reivindicações desse sujeito político na Constituição de 1988. Pesquisar a atuação do movimento de mulheres negras e dos movimentos de juventude negra. Fazer uma linha do tempo e apontar as principais conquistas e a sua importância para toda a sociedade.
- *Grupo de Trabalho 3:* Fazer uma pesquisa sobre a luta contra o apartheid na África do Sul, sobre as biografias de Nelson Mandela, Steve Biko, Albertina Sisulu e Winnie Mandela. Abordar o lugar da África do Sul na luta contra o racismo no mundo.

d) Linguagem

Cada grupo deve escolher uma linguagem para apresentar os resultados dos trabalhos: dramatização, música, poesia, audiovisual, história em quadrinhos, dança etc.

e) Apresentação pública na Escola

Os resultados dos trabalhos dos grupos e as produções culturais podem ser apresentados para a comunidade escolar em um evento público.

II. ATIVIDADES COM EDUCADORES E EDUCADORAS

a) Exibir o vídeo (58 minutos)

Solicitar que anotem, ao longo da exibição, elementos que lhe chamaram atenção.

b) Roda de Diálogo

Abrir para que os(as) profissionais de educação dialoguem sobre os pontos que consideraram centrais no vídeo. Posteriormente, retomar o processo histórico que faz com que Brasil e África do Sul, embora diferentes, vivenciem um processo similar de exclusão educacional. Discutir os caminhos para transformar essa realidade e superar o racismo em nossa sociedade.

c) Trabalho em grupo

Dividir o grupo de professores em três:

- *Grupo 1 - Avanços*

Discutir o que a escola já avançou com as modificações implementadas pela Lei 10.639/2003 na LDB/1996. Se a escola já realizou a atividade Mapa da Mina, que consta neste guia metodológico, pode-se trazer os resultados das “memórias e tesouros” para o grupo. Caso não tenha feito, o trabalho em grupo pode ter este objetivo, o de levantar os acúmulos da escola.

- *Grupo 2 - Obstáculos*

O grupo “Obstáculos” tem como objetivo discutir quais são as principais dificuldades e entraves que a escola enfrenta para concretizar as alterações geradas pela Lei 10.639/2003 na LDB.

- *Grupo 3 - Desafios e propostas para o futuro*

Em uma perspectiva de mudança, o grupo apontará quais os desafios e as propostas para que a escola avance na implementação da LDB alterada pela lei Lei 10.639/2003. Todos os grupos devem apresentar, em cartazes, os resultados das discussões.

FORTALECENDO A LEI 10.639/2003 NA ESCOLA

A partir das atividades realizadas com os dois DVDs, podem ser tirados subsídios importantes para a construção do Plano de Ação da Escola. A construção desse Plano é abordada em seção deste Guia Metodológico e nos *Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola*.

ANEXO 2

POSSIBILIDADES DE USO DOS CARTAZES

AFRO-BRASILIDADES EM IMAGENS

As indicações desta seção constituem possibilidades para o uso dos cartazes *Afro-brasilidades em Imagens* junto à comunidade escolar. Espera-se que, de acordo com a realidade e os acúmulos de cada escola, muitos outros caminhos alimentem um processo permanente de trabalho comprometido com a reeducação das relações raciais.

Produzidos por artistas plásticos¹, os cartazes utilizam técnicas diversas e são resultado de um trabalho intenso junto às escolas com as quais a Ação Educativa desenvolveu parcerias, que subsidiaram a construção da coleção *Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar*.

1 Conheça os artistas plásticos que produziram os cartazes Afro-brasilidades em Imagens: Rosana Paulino (<www.rosanapaulino.com.br>), Michel Onguer (<<http://onguer.carbonmade.com/>>), Mateus Subverso (<<http://www.edicoestoro.net/entrevistas/movimento-hip-hop/mateus-subverso.html>>) e Thiago Vaz (<<http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/?p=652>>).

Trata-se de nove cartazes que, trabalhados em conjunto ou separadamente, suscitam leituras que acionam, cruzam e dialogam com diversas áreas do conhecimento. Longe de ser restrito à área de artes, eles podem ser abordados em todas as dimensões, áreas e disciplinas escolares.

A seguir é apresentado cada um dos cartazes com o seu título e o nome do artista que assina a obra. Na sequência estão alguns itens importantes Para o exercício do olhar sobre as imagens, sugerimos levantar alguns pontos importantes, que não estão prontos nem se esgotam em si mesmos, mas que são uma possibilidade de discussão

- a) Qual o assunto que se destaca sobre a “fala” do(a) artista na imagem?
- b) Qual é o tema central desenvolvido na obra?
- c) Qual enfoque que traz uma perspectiva e um modo de abordar o tema central?
- d) Quais pistas são apontadas nos elementos existentes na imagem e que permitem a leitura ou a compreensão do ponto de vista de quem observa a imagem?

Você também pode sugerir um trabalho de pesquisa para ampliação das possibilidades de visão e de leitura de cada obra.

OS CARTAZES

1. ÁFRICAS – MICHEL ONGUER

- **Assunto** – A presença de elementos de diversas áreas do conhecimento, arquitetura, tecnologia escrita, geografia, religiosidade no histórico do continente africano em diálogo com a cultura afro-brasileira.
- **Enfoque** – A diversidade do continente africano e a produção e circulação de diversas formas de conhecimento, muitas vezes invisibilizadas ou estereotipadas no currículo escolar.
- **Pistas** – A presença de espiral do tempo que sustenta e envolve os elementos do cartaz (as pirâmides e a Esfinge do Egito), os povos tradicionais, as grandes cidades africanas, a tecnologia, os conhecimentos, o baobá como árvore que simboliza a força da vida que nasce, brota e cresce. Uma África plural, viva, dinâmica, complexa, que não cabe em estereótipos.
- **Extrapolações** – Comparar, nos diversos cartazes, a presença de espirais e realizar uma leitura crítica das intencionalidades e efeitos que possam representar a circularidade. Pesquisar sobre os vários países, culturas, histórias e conhecimentos que compõem a África e a situação atual nas diferentes regiões e contextos do continente.

2. MEU CABELO É TUDO DE BOM – ROSANA PAULINO

- **Assunto** – Autoestima, beleza, diversidade estética, respeito.
- **Enfoque** – Valorização de todos os tipos de cabelo. O penteado como atitude afirmativa da identidade.
- **Pistas** – Representação de pessoas de idades, cabelos e penteados diversos.
- **Extrapolação** – Pesquisar características próprias de cabelos afros e os diferentes penteados: o penteado baseado no Black Power (Poder Negro) e a afirmação desse poder pelo movimento Panteras Negras, nos Estados Unidos, na década de 1970; o Black Power na África do Sul, no Brasil e em outros países. Pesquisar o uso e o significado das tranças nas sociedades africanas e no Brasil. Pesquisar as várias técnicas e tipos de tranças e turbantes. Realizar uma exposição de diferentes penteados e formas de lidar com o cabelo na escola e na sociedade. Propor uma atividade com os(as) alunos(as) que complete a frase: “meu cabelo é tudo de bom porque...”. Problematicar criticamente os padrões de beleza presentes na sociedade e nos meios de comunicação e a relação deles com o racismo.

3. MENINAS E MULHERES: GARRA E BELEZA – ROSANA PAULINO

- **Assunto** – A presença e a atuação da mulher negra na sociedade. A criação, a manutenção e a difusão do conhecimento pela memória e pela história. A presença das meninas negras no ambiente escolar.
- **Enfoque** – O saber tradicional somado às novas tecnologias de pesquisa e os lugares sociais conquistados. O espaço religioso como guardião e difusor dos saberes africanos. As meninas e as mulheres negras rompendo lugares sociais impostos pelo racismo na sociedade.
- **Pistas** – A presença da mulher negra em diversas profissões, tempos e lugares. Fios que interligam as diversas personagens representadas. A figura da lalorixá (sacerdotisa ou mãe de santo) representando a proteção da memória e a guardiã de conhecimentos ancestrais.
- **Extrapolação** – Entrevistar mulheres negras da comunidade que atuam em setores diversos e como elas enfrentaram os obstáculos gerados pelo racismo e pelo machismo. Pesquisar sobre o papel das mulheres nas sociedades africanas e nos movimentos de resistências e reexistências. Contar histórias de mitos, lendas e princesas negras para os(as) alunos(as). Questionar os padrões de beleza valorizados na escola.

4. SABER CIÊNCIA – MATHEUS SUBVERSO

- **Assunto** – Produção de conhecimentos e culturas no continente africano e aspectos da história e cultura afro-brasileira.
- **Enfoque** – A produção de conhecimento na África e suas ligações com o Brasil. Diferentes alfabetos e escritas africanas. Usos da linguagem

no Brasil. As personalidades negras Milton Santos (geógrafo) e Carolina de Jesus (escritora).

- **Pistas** – O último plano da imagem apresenta escritas de diferentes povos africanos. O desenho central é um símbolo Adinkra (dos povos africanos Akan, presentes na região de Gana, Costa do Marfim e Togo) e ganha destaque por ser uma escrita proverbial, que expressa valores fundamentais para aqueles povos.
- **Extrapolações** – Pesquisar a biografia de Milton Santos e de Carolina de Jesus. Pesquisar sobre os símbolos Adinkras e os provérbios africanos e brasileiros. Inventar símbolos que abordem valores fundamentais para cada estudante. Pesquisar o uso de palavras de origem africanas na Língua Portuguesa falada no Brasil.

5. RESISTÊNCIAS E REEXISTÊNCIAS – THIAGO VAZ

- **Assunto** – A histórica luta contra o racismo dos movimentos negros e as conquistas no campo dos direitos e das políticas públicas.
- **Enfoque** – Marcos, referências e personalidades fundamentais da luta contra o racismo.
- **Pistas** – A árvore como símbolo de resistência e da reexistência. Os frutos como as pessoas e os fatos que representam as conquistas da população negra. A árvore com suas raízes cravadas no continente africano. A silhueta da mulher negra como o tronco dessa árvore, expressão de força e de sustentação para os seus filhos e filhas na diáspora negra gerada pelo processo de escravização.
- **Extrapolações** – Pesquisar a história das pessoas, dos movimentos sociais e das lutas abordadas no cartaz. Produzir plasticamente uma árvore cujos frutos apresentem a imagem e a biografia ou história dessas pessoas, movimentos e lutas. Pesquisar pessoas ou grupos de referência na luta contra o racismo na comunidade local, no município e/ou no estado.

6. MIL ARTES NEGRAS – MICHEL ONGUER

- **Assunto** – A diversidade da produção artística de grupos e movimentos de pessoas negras.
- **Enfoque** – Os muitos movimentos artísticos em diferentes momentos da história e lugares do País.
- **Pistas** – Construção em mosaico onde estão representados elementos da arte e de movimentos com consciência negra.
- **Extrapolações** – Pesquisar grupos e personagens artísticos envolvidos com a luta pelos direitos da população negra, em especial no teatro nas artes plásticas, na dança e na literatura. Ampliar e/ou construir outros mosaicos que revelem o mesmo tema com pessoas da comunidade que atuem em movimentos de arte e consciência negra.

7. MÍDIAS E NEGRITUDE – THIAGO VAZ

- **Assunto** – A presença e a ausência de pessoas negras nas mídias, considerando a transformação dos meios de comunicação e da sociedade com base na luta por direitos.
- **Enfoque** – A representação das pessoas negras nos veículos midiáticos ontem e hoje. As transformações no cenário das mídias televisivas: da invisibilidade e subalternidade da população negra à busca e às conquistas de novos lugares nos meios de comunicação.
- **Pistas** – Linha do tempo: a luta para a inserção das pessoas negras na televisão. Cada figura de tela de TV mostra pessoas negras em situações diversas ao longo da história da televisão no Brasil.
- **Extrapolações** – Estimular estudos sobre o cotidiano e a representação/presença do negro na mídia em geral e ao longo da história. Promover uma mostra com materiais digitais que permitam uma análise das grandes questões que marcam as relações raciais nos meios de comunicação². Discutir a situação dos meios de comunicação no Brasil, as concessões públicas e a grande concentração de poder dos grupos midiáticos. Apontar a necessidade da leitura crítica dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

8. EM MOVIMENTO – MICHEL ONGUER

- **Assunto** – Diferentes lugares de reconhecimento e de transformação das relações raciais no Brasil.
- **Enfoque** – A presença das pessoas negras no cotidiano, nas políticas públicas, nos espaços de poder e no reconhecimento do patrimônio histórico. A importância das ações afirmativas.
- **Pistas** – Pessoas negras em Brasília, jovens em manifestação de rua, cartazes com ações afirmativas, figura da Baiana do Acarajé.
- **Extrapolação** – Pesquisar e discutir sobre os movimentos negros, o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), a LDB com modificações ocorridas após a Lei 10.639/2003. Pesquisar o que são as ações afirmativas e como elas vêm sendo usadas no Brasil e em outros países para acelerar o enfrentamento de discriminações e desigualdades contra pessoas negras, deficientes, mulheres, agricultores familiares etc. Discutir como cada um pode transformar as relações raciais no cotidiano da escola e da comunidade e nas políticas públicas.

² Sugerimos, para a formação de professores, planejamento do trabalho coletivo ou que no desenvolvimento das atividades com os alunos (conforme a faixa etária), seja exibido na íntegra ou em partes o premiado filme *A Negação do Brasil: o negro na televisão brasileira*, do diretor Joel Zito Araújo. Disponível em: <www.metacafe.com/watch/10800508/a_nega_o_do_brasil_2000/>. Acesso em: 17 out. 2013.

9. DIVERSIDADE – MATHEUS SUBVERSO, MICHEL ONGUER, ROSANA PAULINO E THIAGO VAZ

- **Assunto** – As singularidades marcadas dos diversos grupos humanos e as múltiplas diferenças que compõem a diversidade em um mesmo espaço.
- **Enfoque** – A necessidade de diálogo e de alianças entre as pessoas em prol do enfrentamento das desigualdades, racismos e discriminações presentes na escola e na sociedade. O exercício de existir e resistir no mesmo lugar, buscar caminhos e maneiras de atuar em conjunto, reconhecendo as especificidades e as múltiplas e dinâmicas diferenças humanas.
- **Pistas** – Mar de aparente calma, mistério e profundidade, teia e trançado, rede que pode representar as relações e interdependências. Neurônios e inteligência coletiva.
- **Extrapolações** – Buscar informações sobre o histórico de direitos humanos. Problematizar a noção de direitos e deveres com base na atuação do movimento negro e de outros movimentos sociais. Pesquisar os marcos legais nacionais e internacionais em relação à diversidade, à superação das desigualdades e à promoção dos direitos humanos de todas as pessoas. Criar no ambiente escolar a representação de uma teia de relações (por meio de desenhos, esculturas, uso de tecidos etc.) em prol da dignidade e respeito de todos os seres humanos.

COMO LER OS CARTAZES NA ESCOLA E FORA DELA

Uma imagem se constitui como linguagem na interação com aquele(a) que a vê. A leitura de imagens mobiliza emoções; envolve o questionamento, a busca, a criticidade; e delinea e fortalece as capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar e imaginar o que lhe cerca e também a si mesmo. Para a fruição dos cartazes (a maior relação com eles) propomos três enfoques.

ENFOQUE 1 – LEITURA FACTUAL

Processo em que se realiza a apreensão do que a imagem exhibe objetivamente. É o momento em que se descreve, isoladamente, os elementos que compõem a imagem: formas figurativas e/ou abstratas, cores, posições e afins.

Para iniciar esse processo, sugerimos as seguintes questões: O que você vê na imagem? Quais figuras aparecem? Há textura das imagens? Há sobreposição de imagens? Que cores aparecem? São claras ou escuras? Existe sombra? Como os elementos estão distribuídos no espaço? Qual é o centro da atenção? As figuras parecem estáticas ou sugerem movimento? Como estão dispostas as figuras? Elas têm o mesmo tamanho? Qual o tamanho da última figura humana que vemos em relação à

primeira? Há predominância de imagens ou letras? Como estão dispostas as imagens/formas/cores? Elas apresentam cores “alegres, tristes, suaves ou fortes”?

ENFOQUE 2 – LEITURA INTERPRETATIVA

Permite a tessitura de sentidos provocados pela articulação/ diálogo entre os elementos factuais que compõem a imagem. A leitura crítica pressupõe contextualizar a produção da imagem e dos seus elementos e requer o diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

Nesse ponto, é necessário retomar as colocações feitas durante o processo de leitura fatural, lançando questões como: Quem seriam essas pessoas? *Como são suas vestimentas?* Elas estão alegres, tristes, apressadas, tranquilas, preocupadas ou despreocupadas? Onde estão? Porque estão assim representadas? O que estão fazendo nesse lugar? Qual sua relação com os outros elementos/objetos? Para quem ou para onde se dirige o olhar do personagem? A representação do personagem revela o contexto sociocultural a que ele pertence? Quais as relações entre os objetos e as pessoas representadas? Qual elemento ocupa a posição central? Como esse elemento se relaciona com os demais? Qual assunto a imagem sugere? O que o faz chegar a tal hipótese ou suposição? Quais histórias podem ser contadas a partir dessa imagem? O que comunica essa imagem?

ENFOQUE 3 – LEITURA CRÍTICA

A leitura crítica pressupõe a contextualização da produção a imagem e dos seus elementos e requer o diálogo entre diversas áreas do conhecimento. Nessa etapa é necessário, além de provocar os conhecimentos prévios dos fruidores/leitores das imagens sobre o tema, acrescentar informações que contextualizem a produção.

Para provocar a leitura crítica sugerimos questões como: Você já conhecia essa imagem? Quem a produziu: homem, mulher, brasileiro ou estrangeiro? Ele é contemporâneo? Seria apenas um produtor ou mais pessoas? Por quê? Você considera que essa imagem foi feita por meio da observação direta, da memória ou da imaginação? Por quê? É possível associar essa imagem a outras imagens ou fatos? Quais? Essa imagem cria ou representa realidades? Qual a relação entre o que comunica essa imagem e o contexto histórico social atual? Qual(is) título(s) sugere a imagem? O que você acrescentaria ou suprimiria da imagem? É importante conhecer essa imagem?

A IMAGEM NA ESCOLA³

As imagens exercem papel importante na construção de princípios e valores que constituem o imaginário de negros e não negros e criam representações institucionais que estruturam as relações de poder, as posições ocupadas, a validade ou não dos discursos e dos saberes, isto é, a posição de uns em relação aos outros. É preciso tratar as imagens sem ingenuidade e com criticidade, refletindo sobre o que elas “dizem” e representam em nossa sociedade.

A escola tem como tarefa prevista na legislação educacional promover o respeito mútuo, a convivência entre todas as pessoas e a construção de uma sociedade igualitária. Ela deve avaliar criticamente quais imagens estão presentes em seus espaços e cotidiano. Por esse motivo, nesses cartazes estão presentes imagens que abordam saberes, estéticas e fazeres das pessoas negras. Essas imagens se articulam a uma proposta mais ampla, sistêmica e permanente de educação antirracista e não discriminatória no ambiente escolar, que contribua para a transformação das relações de poder em nossa sociedade.

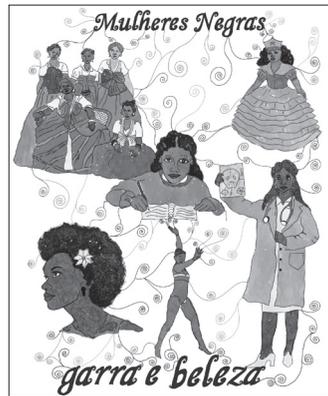
3 Para saber mais: CALABRESE, Omar. *A linguagem da arte*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987; COSTELLA, A. F. Para apreciar a arte. São Paulo: SENAC/Mantiqueira, 1997; FRANZ, Terezinha Suelli. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003; HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000; KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000; KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995; PAIVA, E. F. *História & imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002; SILVA, Dilma Melo; CALAÇA, Maria Cecília Félix. *Arte africana e afro-brasileira*. São Paulo: Terceira Margem, 2006; SILVA, Márcia. *Arte-Educação: Rompendo o silêncio sobre a questão étnico-racial*. In: *Jornal Bolando Aula de História*. São Paulo: Gruhbas – Projetos Educacionais e Culturais ano 7, n. 47, nov. 2004; SOUZA, Ana Lúcia Silva et al. *De olho na Cultura: um ponto de vista afro-brasileiro*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.



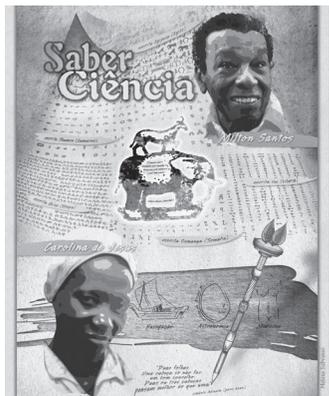
1



2



3



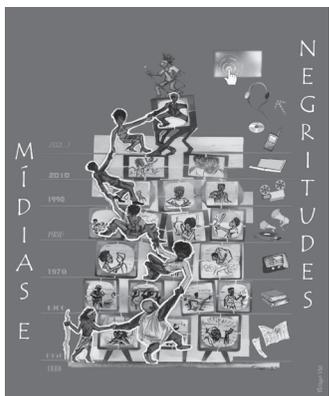
4



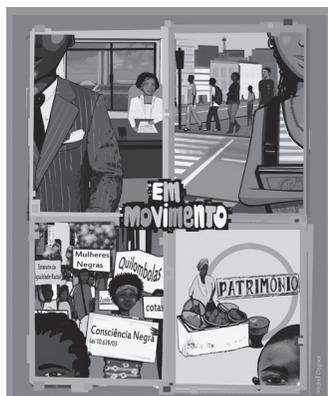
5



6



7



8



9



Compartilhe suas opiniões, críticas, sugestões e experiências referentes à Coleção Educação e Relações Raciais, enviando uma mensagem para relacoesraciais@acaoeducativa.org
Agradecemos e desejamos boa sorte!

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS:

APOSTANDO NA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

GUIA METODOLÓGICO

Este Guia integra a coleção Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar. Ele apresenta dicas de uso dos materiais da Coleção e possibilidades metodológicas destinadas a envolver os sujeitos das escolas (estudantes, profissionais de educação, familiares etc) com estratégias de superação do racismo e de outras discriminações. Caminhos que devem ser reinventados e adaptados conforme os desafios, os acúmulos e as especificidades de cada escola (pública ou privada) e de cada realidade local e regional.